

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MYCHELLE WALESKA LISBOA LEMES

**LEITURA E CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO NA
BIBLIOTECA ASDOWN**

GOIÂNIA

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Mychelle Waleska Lisboa Lemes

Título do trabalho: Leitura e crianças com síndrome de down: um estudo de caso na Biblioteca Asdown

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Mychelle W L Lemes
Mychelle Waleska Lisboa Lemes²

Ciente e de acordo:

Keyla Rosa de Faria²

Data: 21/12/2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

MYCHELE WALESKA LISBOA LEMES

**LEITURA E CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO NA
BIBLIOTECA ASDOWN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado á
Coordenação do Curso de Biblioteconomia, na
Faculdade de Informação e Comunicação, da
Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Profa. Ma. Keyla Rosa de Faria

GOIÂNIA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lemes, Mychelle Waleska Lisboa

L5521 Leitura e crianças com síndrome de down: um estudo de caso na biblioteca asdown / Mychelle Waleska Lisboa Lemes – 2019.
... 78 f. :il. col.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de
Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2019.
Orientadora: Prof.^a M.^a Keyla Rosa de Faria.

1. Leitura infantil. 2. Aprendizagem. 3. Síndrome de Down. 4. Família.
I. Título.

CDU: 028.5

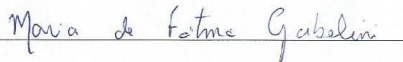
MYCHELLE WALESKA LISBOA LEMES

**LEITURA E CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE
CASO NA BIBLIOTECA ASDOWN**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em 02 de Dezembro de 2019, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:



Prof.^a M.^a Keyla Rosa de Faria – Presidente da Banca
Universidade Federal de Goiás



Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Garbelini – Membro
Examinadora Universidade Federal de Goiás

Dedico este trabalho a minha mãe Lucimar Guedes que sempre me incentivou a estudar e correr atrás dos meus sonhos, mesmo que parecessem impossíveis ou inalcançáveis; e ao meu pai Anderson Lemes, que sempre me ajudou e mesmo com a distância física, nunca deixou de ser presente na minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Prof.^a M.^a Keyla Rosa de Faria por ter me ajudado com muitas partes do trabalho e por ter tido muita paciência e disposição. Obrigado por me auxiliar e incentivar.

A Prof.^a Dra. Fátima Garbelini por aceitar o convite de examinar e realizar críticas construtivas sobre a pesquisa. Agradeço pelas observações e pelas matérias ministradas em sala de aula, sempre com muita dedicação e entendimento do assunto.

A todas as minhas professoras e professores durante os anos de formação. Obrigado por ter dedicado seu tempo para explicar e tirar dúvidas, serei eternamente grata a todos os ensinamentos que ganhei durante as aulas.

A todos as mães e pai que participaram da pesquisa. Obrigado por ter acreditado na minha pesquisa e dedicado seu tempo para responder os questionários.

A minha avó Maria Lisboa por ter cuidado de mim durante alguns anos da minha formação, sempre disposta a me ouvir, mesmo quando não entendia muito bem do que eu estava falando.

A meu sol Matheus Augusto por iluminar a minha vida e encher ela de amor e esperança. Você nunca vai conseguir compreender o tanto que você significa para mim.

A minha amiga Denize Cardoso por ter me dado apoio emocional durante toda minha formação, sempre disposta a me ouvir, reclamar e chorar no telefone, independente do horário. Suas palavras sábias me ajudaram nos meus momentos mais difíceis.

A minha irmã Emilly Lemes por sempre estar ao meu lado com uma piada pronta quando estou nos meus dias ruins e com um debate interessante quando estou nos meus dias bons. Agradeço ao universo por ter me dado uma irmã tão maravilhosa e carinhosa.

Enfim, eu agradeço a todos que de alguma forma auxiliaram na construção desta pesquisa. Sua ajuda foi essencial, eu nunca esquecerei o que fizeram por mim.

*“ataque a biblioteca
leia tudo
em que colocar
suas mãos
& mais
alguma coisa.*

*vá em frente
colecione palavras
& comece a poli-las
até que brilhem
como a luz das estrelas
na palma da
sua mão.*

*faça das palavras
a sua melhor arma...
uma espada dourada
para lançar
seus inimigos
porterra.*

- um tipo de plano de sobrevivência.”

a princesa salva a si mesma neste livro – Amanda Lovelace

RESUMO

Pesquisa o processo de leitura de crianças com Síndrome de Down e como isto afeta sua interação com o mundo ao seu redor, a partir da pesquisa realizada na Biblioteca da Asdown Goiás. Utilizou-se pesquisa de campo de caráter exploratório, com abordagem qualitativa, com o intuito de saber como a leitura era realizada no seio familiar. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados o questionário, o qual foi entregue a seis participantes – mães e pai de crianças com Síndrome de Down. Os resultados mostram que todos os responsáveis acreditam que a leitura seja algo importante e necessário para o desenvolvimento da criança e a interação deste com o mundo ao seu redor, entretanto, somente alguns incentivam de forma efetiva e intensiva a leitura com as crianças. Apenas metade dos responsáveis acreditavam que sua filha ou filho eram leitores, mesmo tendo relatado que a criança poderia pegar o livro e realizar a sua própria interpretação sobre a história que o livro contava. Conclui-se que é necessário o incentivo dos responsáveis para que a criança possa se sentir motivada a ler e criar um laço afetivo com a leitura. Ainda é necessário quebrar paradigmas referentes à concepção sobre a leitura.

Palavras-chave: Literatura infantil. Deficiência Intelectual. Prática de Leitura.

ABSTRACT

Researches the reading process of children with Down Syndrome and how it affects their interaction with the world around them, with a research conducted at the Asdown of Goiás Library. It was used field research with explorative character, with a qualitative approach, looking to know how the reading happened in the family habitat. It was used as a instrument of collecting data a questioner, that were given to the six participants - mothers and father of the children with Down Syndrome. The results show that all of the responsible believe that reading is something important and necessary for the child's development and the interaction of the child with the world around them, but, only a few of them encouraged effectively and intensively reading with the children. Among them, only half of the responsible believed that their child was a reader, even with these reporting that the child could grab a book and do their own reading, based on their own interpretation of the story being told in the book. The conclusion is that the encouragement of the responsible is necessary so the child can feel motivated to read and create an affective bond with reading. It's still necessary to break some paradigms referent to the conception about reading.

Keywords: Children's Literature. Intellectual Disability. Reading Practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trissomia por Translocação Robertsoniana.....	31
Figura 2 - Trissomia Simples (Livre) 47, XX + 21.....	32

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Importância da leitura na vida do pais.....	40
Gráfico 2 – Você se considera uma pessoa que ler com frequência?.....	41
Gráfico 3 – Afirmações em relação à leitura.....	42
Gráfico 4 – Maiores barreiras para a frequência da leitura.....	44
Gráfico 5 – Quantidade de livros que há na casa.....	46
Gráfico 6 – Frequência de leitura.....	46
Gráfico 7 – Tipos de Websites que mais acessado pelos responsáveis.....	48
Gráfico 8 – Frequência que os responsáveis lê em Websites.....	49
Gráfico 9 – Idades das crianças.....	52
Gráfico 10 – Acompanhamentos profissionais.....	54
Gráfico 11 – Dispositivos eletrônicos utilizados pelas crianças.....	55
Gráfico 12 – Livros mais procurados pelas crianças.....	56
Gráfico 13 – Acredita que a criança seja uma leitora ou leitor?.....	57
Gráfico 14 – Espaços de incentivo à leitura no bairro.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Livros que os responsáveis mais gostaram de ler e quem indicou.....	44
Tabela 2 – Relação idade, ano e escola frequentada pela criança.....	51
Tabela 3 – Relação criança e habilidades especiais.....	53
Tabela 4 – Relação criança e o contato com a leitura como auxiliadora na compreensão da vida cotidiana.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Asdown	Asdown de Goiás
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
P1	Participante 1
P2	Participante 2
P3	Participante 3
P4	Participante 4
P5	Participante 5
P6	Participante 6

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
2.1	AMOSTRA.....	18
2.2.	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	19
2.3.	COLETA DE DADOS.....	19
3	A LEITURA.....	21
3.1	O LIVRO E A LEITURA NO BRASIL.....	21
3.1.2	A literatura infantil no Brasil.....	24
4	SÍNDROME DE DOWN.....	30
4.1	PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN.....	33
4.1.1	Leitura de crianças com síndrome de down.....	35
5	ANALISE DOS RESULTADOS	38
5.1	O PERFIL DOS RESPONSÁVEIS.....	38
5.2	O PROCESSO DE LEITURA DOS RESPONÁVEIS.....	39
5.3	A LEITURA DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.....	50
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE A – Questionário sobre o processo de leitura de crianças com Síndrome de Down.....	70
	ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	76

1 INTRODUÇÃO

A família e a escola são fontes importantes de incentivo à leitura, por meio da união desses a introdução da leitura na vida das crianças pode se transformar em algo natural e prazeroso. Isso faz com que o vínculo com a leitura seja duradouro, entretanto o Brasil tem um índice baixo de leitores, tendo em consideração a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2015 que demonstra que somente 56% dos entrevistados se consideravam leitores. Na referida pesquisa foi considerado leitores somente as pessoas que leram ao menos um livro nos últimos 3 meses. Os resultados apresentaram que a maioria dos entrevistados leem por prazer, sendo que os indicativos mais altos estão entre as pessoas de 5 a 17 anos de idade.

A pesquisa Retratos de Leitura no Brasil considera como leitor apenas pessoas que leem livros, e desconsidera outros tipos de formatos de leituras. De acordo com Chartier (2010, p. 37) “Os enfoques que interpretam a leitura como uma ‘recepção’ ou uma ‘resposta’ universalizaram implicitamente o processo de leitura, considerando-o como um ato sempre similar cujas circunstâncias e modalidades concretas não importam”. A pesquisa aqui analisada utiliza este conceito, pois aceita que apenas pessoas que leem livros da forma considerada universalmente concreta são leitores. Entretanto, a leitura pode ser vista por diversas óticas e formas.

Apesar de muito se falar sobre a importância da leitura, pouco se fala sobre a relevância da leitura para as pessoas com Síndrome de Down. De acordo com Feistauer (2014, p. 56) “A habilidade leitora, como em qualquer criança, inicia-se na alfabetização e vai progredindo ao longo da escolarização. Como o desenvolvimento das pessoas com Síndrome de Down é mais lento, a aquisição da leitura e da escrita também ocorrem de forma mais lenta”.

Com base nesta afirmação, esta pesquisa busca responder a seguinte **problemática**: Como ocorre o processo de leitura na criança com Síndrome Down? Tendo por hipótese de que, essas crianças leem, só que de maneira diferente da tradicionalmente conhecida pela sociedade, e ainda, essa aquisição da leitura é importante para a interação das crianças com o mundo, e precisa ser incentivada pelos familiares e professores. De acordo com Feistauer (2014, p. 31) “O contexto inclui os elementos que não fazem parte do texto e que não dizem respeito diretamente às estruturas ou processos de leitura, mas que interferem na compreensão do texto.” Com isso podemos perceber que o texto não é apenas as letras e a linguística que o compõem. Mesmo

tendo uma mensagem intencionada pelo autor cada pessoa terá uma compreensão diferente do que está ali na página e irão interagir de uma forma diferente com o texto.

O presente trabalho tem por **objetivo geral**: Analisar o processo de aquisição da leitura na criança com síndrome de Down. E por **objetivos específicos**: 1. identificar o nível de leitura dos responsáveis; 2. averiguar a intervenção dos responsáveis no incentivo à leitura; 3. descrever a interação da criança com o mundo ao seu redor.

Para responder às questões propostas foi realizado uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados o questionário. Participaram da pesquisa seis pessoas, a saber, mães e pai responsáveis pelas crianças que frequentam e/ou fazem atividades na Biblioteca Asdown, localizada na Associação Down de Goiás, aqui denominada de Asdown Goiás ou Asdown, por meio de um questionário que foi respondido por todos estes.

Estudar a prática de leitura é importante para mostrar como o incentivo dentro de casa é importante no processo de formação de leitores. Estudar essa prática com as crianças com síndrome de Down torna-se interessante para mostrar que essas crianças leem sim, e precisam de incentivo tanto das famílias, quanto dos locais que frequentam. Ressalta-se a existência de vários tipos de leitores e assim muitas maneiras de ler.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: o capítulo 2 traz os procedimentos metodológicos utilizados na construção da pesquisa. O capítulo 3 traz os autores utilizados na definição de leitura desta pesquisa. O capítulo 4 traz os autores utilizados na definição de Síndrome de Down e leitura de pessoas com Síndrome de Down nesta pesquisa. O capítulo 5 traz os dados e resultados coletados dos questionários recebidos. O capítulo 6 traz a conclusão final da pesquisa respondendo as questões levantadas na introdução e os apontamentos dos resultados coletados da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa está vinculada ao projeto Atividade cultural no processo de comunicabilidade do Síndrome de Down, coordenado pela Prof.^a Keyla Rosa Faria, aprovado em Comitê de Ética, conforme o protocolo número CAEE 03957318.1.0000.5083.

Antes da apresentação da pesquisa deve-se primeiro detalhar como o projeto desta pesquisa foi desenvolvida e quais etapas surgiram para a sua criação. “O projeto deve, portanto, especificar os objetivos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar os procedimentos de coletas e análise dos dados” (GIL, 2010, p. 3). Sendo assim, esta pesquisa, aqui apresentada, trata-se de pesquisa de campo desenvolvida com base em questionário respondidos pelas mães e pai de crianças com Síndrome de Down, participantes da pesquisa.

O presente trabalho analisa de que modo a leitura afeta a vida de crianças com Síndrome de Down no seu processo de formação como leitores e sua interação com o mundo ao seu redor. Sendo assim, as crianças que participaram da pesquisa foram selecionadas por terem idade entre 3-11 anos e participarem de alguma atividade desenvolvida na Asdown Goiás.

2.1 AMOSTRA

Conforme dados coletados na entrevista informal com a Assistente Social da Asdown, atualmente a Associação atende cerca de 700 pessoas com Síndrome de Down, que frequentam e participam das atividades promovidas no local. A Asdown de Goiás não tem dados concretos sobre a faixa etária das pessoas que frequentam a Associação, entretanto, na entrevista realizada a Assistente Social fez um quantitativo de 20 crianças, desta 700, que se encontram com a idade entre 3-11 anos.

O público-alvo da pesquisa se define por ser crianças com síndrome de Down, com idade de 3 a 11 anos. A amostra foi definida a partir do levantamento etário com a assistente social, que nos informou o contato dos responsáveis. Em seguida foi enviado convite para os responsáveis dessas crianças. Desta forma, do universo de 20 crianças com faixa etária de 3 e 11 anos, seis crianças estão dentro do perfil da pesquisa, que compõem a amostra.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com Marconi e Lakatos (2015, p. 43) “A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constrói no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” Para essa pesquisa buscou-se conhecer a realidade da ligação de uma criança com Síndrome de Down com a leitura e descobrir como a leitura afeta a interação dessa criança com o mundo ao seu redor.

Este trabalho possui abordagem qualitativa pela sua forma de pesquisa e coleta de dados. De acordo com Creswell (2010, p. 206) “Os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação”. A pesquisa se torna necessário quando, de acordo com Gil (2010, p.1) “não se dispõe de informação suficientes para responder ao problema”.

Nas pesquisa às bases de dados bibliográficas, realizada para esta pesquisa, nota-se poucas informações e pesquisas com o foco na prática de leitura das pessoas com Síndrome de Down, especialmente relacionado a leitura com crianças que estão no início do processo de alfabetização. Sendo assim, essa pesquisa se classifica como uma pesquisa exploratória, pois este “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado.” (GIL, 2010, p.27). Desta forma, esta pesquisa busca explorar o universo da prática de leitura das crianças com Síndrome de Down.

2.3 COLETA DE DADOS

Inicialmente a pesquisa seria realizada no CMEI, na tentativa de mostrar a realidade do ensino no desenvolvimento literário de um estudante com síndrome de Down nos primeiros anos de vida. Foram escolhidos 13 CMEI's que ficavam geograficamente próximos a autora. Ao enviar e-mails para essas instituições, somente seis responderam. Uma das unidades do CMEI, respondeu e nos informou que o local tinha um estudante com síndrome de Down efetivamente

matriculado, entretanto, ao aprofundar a pesquisa exploratória a coordenadora nos informou que o estudante havia evadido do CMEI.

Logo em seguida, buscou-se novos ambientes para pesquisa. Na Associação Down está sendo implantada uma biblioteca de acesso institucional e comunitário. Ao conversar com a Bibliotecária¹ responsável sobre o projeto de pesquisa, esta propôs que poderia desenvolver a pesquisa na Associação, por meio da Biblioteca, com as crianças que ali frequentam. Sendo assim, a bibliotecária da biblioteca Asdown entrou em contato com alguns responsáveis por crianças dentro da faixa etária estabelecida, e seis aceitaram participar da pesquisa.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram a entrevista exploratória e o questionário. Para Gil (2010, p.102-103) “Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado”, diz ainda que “o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal”. Pelo escopo da pesquisa acredita-se que o questionário seria uma forma boa e rápida de se obter as informações desejada, além de ser a opção mais prática para todos os envolvidos na pesquisa.

Foi elaborado um questionário para os responsáveis responderem, por via presencial ou virtual, e entregues para a pesquisadora. É importante que essa seleção e escolha seja feito por meio de critérios previamente estabelecidos de forma que se tenha um percentual significativo da população em estudo (GIL, 2010), nesta pesquisa o percentual escolhido para a amostra perfaz um total de 30% do universo.

¹ Keyla Rosa de Faria CRB-1/3227.

3 A LEITURA

Este capítulo tem por tema principal a importância da leitura para as pessoas, em específico as crianças no seu processo de formação. É imprescindível apontar, como o incentivo a leitura nesta etapa da vida ajuda na formação dos leitores do futuro. Manguel (1997) fala sobre a sua experiência como leitor, e descobriu que podia ler pela primeira vez aos quatro anos de idade em uma viagem de carro quando passaram por um cartaz na estrada e percebeu que podia entender o que as palavras diziam. Relatou ainda sobre as etapas que aconteceram antes que ele pudesse ter o entendimento necessário para poder ler as palavras sozinho, como os inúmeros contatos com as letras e os livros lidos para ele por outras pessoas.

Na experiência relatada por Manguel (1997) é possível ver como o contato com a leitura desde pequenino foi essencial para sua paixão por leitura, que veio no decorrer da sua vida. Destaca ainda, como o incentivo a leitura deveria começar em casa, com os pais ou responsáveis, em colaboração com a escola, os professores e a biblioteca. De acordo com Pereira, Frazão e Santos (2012, p. 2) “Um leitor competente, antes de tudo é alguém que foi devidamente estimulado a ler na infância, fase crucial para iniciação no mundo da literatura”. As autoras ainda falam que “As instituições na qual as crianças estão inseridas têm como dever estimulá-las sempre na prática de ler”, enfatizando assim a relevância das escolas nesta fase de formação dos leitores, especialmente na elaboração de projetos que incentivem essa prática, que estimulem nas crianças o gosto pela leitura.

Ao falar sobre a prática de leitura, torna-se necessário descrever os diferentes tipos de leitura que existem. Normalmente quando se pensa o que é a leitura, vem a mente o ato mecânico de decodificar signos, entretanto, ler é atribuir um sentido ao texto, sendo apresentado de uma forma verbal ou não, pois a produção de sentidos é construída na interação do leitor com o texto/autor (SILVA; BERNARDINO; NOGUEIRA, 2012).

Para melhor entender o referido conceito primeiramente deve-se voltar no tempo e compreender como foi construído essa ligação com a leitura e os livros no Brasil.

3.1. O LIVRO E A LEITURA NO BRASIL

A história da leitura no Brasil ainda é um tema muito pouco pesquisado. O que mais se pesquisa é a história do livro no decorrer da história brasileira, começa com a chegada dos jesuítas, e passa pela vinda da família real em 1808 e as primeiras editoras fundadas no Brasil, até os dias atuais.

Pode se dizer que a história do livro no Brasil e conseqüentemente da leitura no Brasil, começou em 1549 com a chegada dos primeiros jesuítas na Bahia. Estes trouxeram com eles uma pequena quantidade em livros para as escolas que pretendiam montar no país, uma quantidade que se mostrou insuficiente e as escolas tiveram que pedir doações de livros para melhorar os estudos que ali estavam sendo realizados, tanto dos estudantes quanto dos mestres. Os pedidos foram atendidos e nos próximos anos chegaram uma grande quantidade de livros que fez com que no século XVI o Colégio de Salvador já tivesse uma biblioteca instalada em uma sala especial, algo que também ocorreu com os colégios de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, em menor escala. O mesmo ocorria com as livrarias do Brasil que, com as doações feitas puderam aumentar o seu núcleo. A maior informação que existe hoje deste período são sobre a Companhia de Jesus no Brasil, graças aos trabalhos do padre Serafim Leite. Infelizmente, pouco se sabe sobre as outras ordens que existiam na mesma época (MORAES, 2006).

Apesar das bibliotecas e livrarias existentes no Brasil na época serem principalmente ligadas a uma ordem religiosa, percebe-se que eram abertas para todos aqueles que desejavam realizar uma pesquisa ou consultar o material. Moraes (2006, p. 9) afirma que “As bibliotecas dos jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente. É provável que o mesmo acontecesse com as livrarias de outras ordens”.

A leitura nesta época tinha um caráter educacional, pois o objetivo dos jesuítas no Brasil era catequizar os índios forçando-os a se converter para a fé católica e transformá-los em “homem civilizado” ensinando-o a ler e escrever em português e ainda forçando-os a se vestirem com roupas europeias (SHIGUNOV NETO; MARCIEL, 2008). Além disto, os jesuítas se dedicavam aos seus estudos e pesquisas no país e realizavam leituras de caráter educacional.

Pode se dizer que foi uma época de bastante avanço no Brasil, com estudiosos que escreviam teses sobre o país e as escolas jesuítas ministravam diversos cursos como Filosofia e estudos latinos. Entretanto essa realidade mudou com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil. Os cursos foram extintos, muitos livros foram considerados proibidos e as bibliotecas

foram abandonadas, e os livros receberam tratamentos descuidados, isso ocasionou a destruição de inúmeros exemplares por diversos fatores (MORAES, 2006).

As bibliotecas e os livros, porém, não desapareceram. No decorrer das décadas desde a chegada dos jesuítas no Brasil, o desenvolvimento aconteceu. Pessoas que viveram e estudaram em Portugal se mudavam para o Brasil e traziam suas bibliotecas particulares, que continham variados estilos de livros, alguns decorrentes das manifestações literárias que estavam acontecendo em Lisboa na época em questão (MORAES, 2006). Entretanto, pelo caráter particular das bibliotecas não eram de acesso de todos. Com isso pode-se dizer que as bibliotecas ganharam um sentido mais de poder e status, sendo que com o fechamento das bibliotecas jesuítas a população geral que tinha conhecimento de como escrever e ler ficaram sem local onde poderiam encontrar livros.

A próxima grande mudança do livro no Brasil só viria com a fuga da família Real de Portugal e, com isso, a instalação da monarquia no Brasil. De acordo com Moraes (2006, p. 90):

O afluxo de uma verdadeira população, calculada em cerca de dez mil pessoas, composta de nobres, de funcionários de todas as categorias, de comerciantes e burgueses ricos, criou novas necessidades de consumo de bens de toda ordem. Era uma colonização repentina de elite que invadia a pacata cidade colonial e, em pouco tempo, a transformaria radicalmente.

A Família Real trouxe, entre outras coisas, quase toda a biblioteca real que era constituído por inúmeros livros valiosos e bastante querido pelo Rei e sua família. Sua paixão por livros era tanta que a Dona. Maria I criou uma alvará que ordenou que uma cópia de todos os papéis impressos nas tipografias do reino deveria ser mandado para a biblioteca (MORAES, 2006). Esse decreto existe até hoje, pois todos os livros que são produzidos no Brasil devem ser enviados um exemplar para a Biblioteca Nacional.

Outra revolução trazida pela família real foi a imprensa. Até aquele momento quase não havia registros de imprensa no Brasil, as que existiam, eram ensaios de tipografia durante a ocupação holandesa em Recife, foram posteriormente desmentidos. Além de haver um alvará que impedia a instalação na então colônia de manufaturas que incluía as dedicadas às “letras impressas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009). Tudo isso causava um atraso do avanço literário brasileiro, tanto na criação de livros, quanto na criação de leitores, pois por mais que já houvessem instaladas no país bibliotecas e livrarias, essas não eram suficientes para criarem um país de leitores, já que ali não havia incentivo.

Esse incentivo finalmente veio na forma do decreto sacramentado pelo Príncipe que dizia que a imprensa trazida para o Brasil devia, além de imprimir toda e qualquer documentação oficial do governo, deveria imprimir toda e qualquer obra produzida no país naquela época, ficou conhecida com Imprensa Régia (MORAES, 2006). Com o passar dos anos seguintes surgiram novas tipografias pelo país, e assim, popularizou o uso das impressas para publicações, e isso aumentou as oportunidades de leitura, porém ainda era um país onde poucos se consumiam as letras e conseqüentemente a leitura (LAJOLO ; ZILBERMAN, 2009).

Pode-se dizer de certa forma que esse foi o começo das editoras no Brasil, pois a Imprensa Régia publicava quais todos os tipos de publicações que se tem registro desta época. “A nossa primeira tipografia não publicava somente legislações e os livros [...]. Imprimia toda sorte de obras como se fosse - e na realidade não deixou de sê-lo - uma casa editora.” (MORAES, 2006, p. 119).

Uma das principais publicações realizadas pela Imprensa Régia era a de livros didáticos para as universidades que no Brasil foram sendo instaladas logo depois da chegada D. João, em especial das universidades militares. Lajolo e Zilberman (2009, p. 131) falam que “o fato é que essas escolas superiores motivaram a introdução, de maneira sistemática, do livro didático no Brasil. Configura-se, assim, o entrelaçamento do livro didático com a imprensa, responsável pela produção, a escola, local da formação, e a leitura, ato de consumo”. Sendo assim, percebe-se que existe desde esta época uma ligação entre o livro, a leitura e a escola; uma ligação básica e necessária na criação de leitores.

Foi com a chegada do D. João ao Brasil que começaram as mudanças na cultura brasileira que, conseqüentemente, ajudaria os primeiros passos rumo a estrutura da Literatura Infantil no Brasil, algo que só seria bem estruturado mais de um século depois. Oliveira (2007) relata que o governo de D. Pedro II auxiliou na disseminação da Literatura Infantil.

Este tópico abordou os principais elementos sobre a leitura e os livros no Brasil de uma forma geral do assunto, buscando o entendimento sobre como foram criados os primeiros livros e como ocorreu a propagação deste livros no território brasileiro. O próximo tópico abordará a literatura infantil na sociedade brasileira, como ocorreu sua evolução no decorrer dos anos e como está se tronou um produto importante na educação e criação do imaginário da criança.

3.1.2 A literatura infantil no Brasil

Um dos focos desta pesquisa é a leitura infantil, pois o público pesquisado são crianças em processo de alfabetização. É necessário assim saber o que leem e entender como atrair sua atenção para que mantenham o foco. Porém, para compreender esse processo é preciso conceituar leitura e literatura infantil, e como começaram no Brasil e sua atual situação.

Falar sobre a leitura e a literatura infantil no Brasil pode ser complexo, pois, durante muito tempo a criança foi considerada apenas um adulto pequeno. Valdez (2003, p. 11) afirma em seu livro que “Até o Século XV, a infância não era separada da vida adulta. Crianças e adultos se misturavam em diferentes lugares. A idade que define a infância no decorrer da história é bastante polêmica, porém muitos estudos apontam a idade máxima de 6 a 7 anos, fase em que a criança é considerada inocente”.

Pode-se dizer então que nesse momento a infância era vista como a etapa da vida onde a criança precisava de cuidados e ensinamentos, para que pudesse se tornar um adulto adequado para a sociedade que vivia. Foi somente século XVII que surgiu a primeira definição concreta de infância, que foi definido como a etapa da vida onde a criança apresentava dependência de alguém para realizar atos como andar e comer, e essa etapa só se encerrava quando a pessoa conseguisse sair da dependência, quanto mais cedo esse laço era quebrado mais racional era considerado a pessoa, por isto, esse e os séculos seguintes, são conhecidos por sua educação infantil extremamente rígidas (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008).

Com toda essa preocupação em tornar a criança adulta o mais rápido percebe-se que durante muito tempo não se importava em criar livros próprios para crianças. Isto não significa necessariamente que não existiam histórias que eram voltados para as crianças, mas como estes encantavam os adultos, pesquisadores se dividem ao classificar algumas obras mais antigas como sendo ou não livros infantis.

Um exemplo disto são os Conto de fadas, alguns autores acreditam que “conto de fadas e literatura infantil são frequentemente confundidas” (ZILBERMANN *apud* GÓES, 2010, p. 75). Porém a Góes (2010, p. 75) acredita que “o conto de fadas é apenas uma das formas da Literatura Infantil, cuja origem se confunde com a idade oral do mito”. A autora utiliza neste trabalho a definição trazida por Góes, reforçado pelo pensamento da Oliveira (2007) que classifica esses contos populares que foram coletados e registrados durante boa parte do século XIX, como Literatura Infantil Clássica.

Deve ser lembrado que os próprios contos de fadas são característicos de sua época, mesmo que tenham sido criado propriamente para crianças, ele vem com um intuito de mostrar uma realidade mais adulta, para que aprendam lições e valores que aquela época desejavam em adultos. Pois os contos de fadas aqui citados em nada se assemelham aos contos de fadas conhecidos nesta atualidade. Os contos de fadas eram cheio de sangue, morte e arrependimento, com histórias muito reais e que hoje seriam considerados impróprios para crianças.

Contudo, algumas das primeiras obras voltados propriamente para o público infantil, que circularam no Brasil, foram, de acordo com Zilberman (2016), os livros *Tesouro dos meninos*, do autor Pierre Louis Blanchard, e *Leitura para meninos*, sendo este publicado pela imprensa Régia. Ambas deveriam cumprir juntos a finalidade educativa de apresentar histórias fictícias que deveriam ser contadas para as crianças. Mesmo o livro *Leitura para meninos* sendo um sucesso de vendas e tendo bastante reimpressões, Oliveira (2007, p. 40) destaca que os livros que chegavam ao Brasil “seguia o modelo de livros lançado em outros países da Europa”, ou seja, boa parte das obras infantis que existiam no Brasil no fim de século XIX até uma parte do século XX tinham uma grande influência europeia, desde a forma de escrita até a forma estética do livro.

Quando trazemos a realidade histórica infantil para Goiás, onde a presente pesquisa foi realizada, percebe-se que, o seu desenvolvimento está ligado ao desenvolvimento do Brasil na época retratada. Apesar de, no começo, as pessoas que vinham para Goiás costumavam estar sozinhos, pois estes buscavam riquezas, as quais trariam confortos para suas famílias, que foram deixadas para trás, ou na perspectiva de família que buscavam uma dia ter.

Isto acabou ocasionando o nascimento de vários filhos ilegítimos e também no abandono de crianças, apesar de que, em Goiás, a escala de abandono era menor, em relação aos outros Estados. Valdez (2003, p. 13) afirma que “Em Goiás, o hábito do concubinato era comum, o que pode ser atribuído ao alto preço do casamento ou pelo opção, mais prática dos casais de apenas passarem a viver juntos” [...] ela ainda fala que “Em análise comparativa com os dados apresentados por outras regiões do Brasil, Goiás, no século XIX, apresentava um baixo índice de crianças abandonadas” (p. 16). Valdez (2003) diz que esse não abandono pode se dar justamente pelo fato de que uma grande parte da população goiana na época ser indígena e ter uma ligação harmoniosa com os seus filhos.

Segundo Valdez (2003) quando se fala sobre a educação de Goiás, em especial depois da chegada da família real, foi possível ver a divergência da educação de capitais como o Rio de

Janeiro e Salvador, mas ainda parecida com as capitania que foram criadas no Brasil depois do século XVIII. Em sua maioria os moradores de Goiás não se preocupavam em saber ler ou escrever, e não tinham interesses em escolas, pois, a maior parte do trabalho da época consistia em procurar ouro, e esse trabalho era desenvolvido pelas crianças, já que acompanhavam seus pais.

Posteriormente, quando o foco rentável passou a ser a pecuária os filhos continuaram acompanhando seus pais no trabalho. Essa realidade mudou somente no século XIX quando apareceram as escolas nas fazendas, mas foram marcados por profissionais sem formação que tinham muitas reclamações sobre o ofício e abuso de castigos aplicados aos alunos. Algo que desanimou muitos nos estudos. Algumas poucas famílias consideravam os estudos importantes, porém, mandavam seus filhos para realizar seus estudos no Rio de Janeiro.

Valdez (2003) mostra a educação dada para as crianças indígenas de Goiás, que vinham na forma de movimentos religiosos que procuravam catequizá-los e ensiná-los a manejar máquinas a vapor e navegação, sendo que o último foi um fracasso. Com os dados apresentados por Valdez é possível ver que por muito tempo a educação de crianças em Goiás não ganhou a importância que merecia. De acordo com Goés (2010, p. 45) “O contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível, não só pelo manuseio (livro ao alcance das crianças) como pela história contada, pela conversa (diálogo mãe-filho) ou jogos rítmicos”.

O que foi percebido no decorrer da pesquisa realizada por Valdez (2003) é que os pais não tinham essa consciência da necessidade de leitura na vida das crianças, justamente por o ato de ler não ser algo presente na região, já que muitos ali eram analfabetos e os índios que ali moravam não falavam português. Quando implementaram escolas na região, não obtiveram sucesso em suas tentativas de incentivo à leitura, já que os professores se sentiam desmotivados na sua profissão e ainda realizavam muitas punições físicas nas crianças, e isso , de certa forma gerou desânimo em continuar seus estudos.

Goés (2010, p.75) afirma que:

Nos começos da Literatura Infantil estava a Pedagogia e que, ainda hoje, muitas vezes, elas andavam de mãos dadas, às vezes como boas amigas, e outras, a maioria, sofrendo a literatura, como a pobre e bela Cinderela, a dura perseguição de sua pedagógica e insidiosa madrasta.

Este caso trazido por Goés (2010), apesar de estar em um contexto diferente, ainda funciona para a presente questão apresentada. A Literatura Infantil busca, por muitas vezes, ensinar a criança elementos que ampliam o seu conhecimento sobre o mundo, algo que deveria ser usado no ensino, como já foi dito, crianças aprendem escutando e vendo, o livro infantil pode apresentar essas duas formas.

Alves (2017, p. 1884) afirma que “a leitura e escrita são instrumentos indispensáveis para a formação do ser humano e, por meio deles, que as capacidades do cidadão poderão ser exercidas plenamente, individualmente ou coletivamente.” Para criar cidadãos conscientes é necessário trazer a leitura para suas vidas desde a tenra idade. Diante disso, percebe-se a importância da literatura infantil, pois esta “tem como objetivo formar crianças que não somente leem, mas que compreendam o que foi lido” isso “por que compreender é transmitir aos demais tudo que foi entendido de uma história através das figurinhas, ilustrações e objetos” (PEREIRA ; FRAZÃO; SANTOS, 2012, p. 2). Esses livros serão o primeiro contato que a criança terá com a literatura e, conseqüentemente, com um mundo muito maior que o que este havia conhecido até então.

Chartier (1999, p. 77) fala que “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados.” e continua dizendo que “apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum - ou ao menos não deveria ter - sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores”. Assim podemos ver a leitura de uma criança, ela inventa sua própria história através do que lhe é apresentado no livro, que pode ser a compreensão desejada pelo autor ou pode ser uma compreensão totalmente diferente. Vai depender da vivência da criança e do conhecimento que se tem sobre o mundo. Goés (2010, p. 39) explica que “é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e ao seu interesse; facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos”.

Para embasar essa pesquisa foi necessário trazer uma definição sobre as formas de leitura que são realizadas pela maioria das crianças, em especial as que estão com idades entre 3-11 anos, ou seja, o público alvo desta pesquisa. É nesta faixa etária que normalmente se inicia o processo de alfabetização que, de acordo com Solé (1998, p. 50) “é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever”. Como vimos, muito dos livros que constituem o mercado de literatura infantil possuem figuras e imagens, além de que muitas vezes são realizadas leituras

em voz alta como em rodas de leitura. Sendo assim, pode se dizer que as principais leituras realizadas por essas crianças são a história oral e a leitura de imagens.

Solé (1998, p. 59) fala que:

Uma das posturas apresentadas neste debate gira em torno da ênfase do código e envolve o ensino dos fonemas, que permite transmitir a correspondência entre os sons e as letras que os representam. Em algumas abordagens deste tipo, ensina-se correspondência de forma isolada, fazendo corresponder ao princípio um som a uma letra, examinando depois as exceções.

É possível ver assim que o ensino da decodificação de códigos é importante para o ensino da leitura e da escrita, porém, esse processo exige formação profissional e material adaptado, quando se fala de pessoa com deficiência intelectual. Algo que será mostrado no decorrer desta pesquisa.

4 SÍNDROME DE DOWN

O ser humano é criado pela junção de duas células que se tornam uma única célula, que começa a se desenvolver até se tornar um ser multicelular com órgãos e tecidos. Este é um processo extremamente delicado e arriscado onde ocasionalmente podem ocorrer falhas, sendo a malformação uma dessas. Segundo a explicação de Dalla-Déa e Duarte (2009, p. 23) “durante a divisão celular, podem ocorrer alguns erros cromossômicos e a mãe pode gerar um bebê com algum tipo de malformação”. Uma das malformações possíveis ocorre na duplicação do cromossomo 21, criando assim um cromossomo extra. O ser humano possui 46 cromossomos, já a pessoa com Síndrome de Down tem 47 cromossomos, mesmo que este não apresente defeito por algum motivo ainda não explicado por cientistas o material extra causa um desequilíbrio genético que acaba causando o crescimento e desenvolvimento incompletos (DALLA-DÉA; DUARTE, 2009).

No ano de 2013 O Ministério da Saúde falou que a Síndrome de Down pode se apresentar ainda de três diferentes formas:

Trissomia simples – causada por não disjunção cromossômica geralmente de origem meiótica, ocorre em 95% dos casos de SD, é de ocorrência casual e caracteriza-se pela presença de um cromossomo 21 extra livre, descrito da seguinte forma no exame de cariótipo: 47, XX + 21 para o sexo feminino e 47, XY + 21 para o sexo masculino;

Translocação – também chamadas de translocações Robertsonianas (rearranjos cromossômicos com ganho de material genético), ocorre entre 3 a 4% dos casos de SD, pode ser de ocorrência casual ou herdada de um dos pais. A trissomia do cromossomo 21 neste caso é identificada no cariótipo não como um cromossomo livre e sim translocado (montado/ligado) a outro cromossomo, mais frequentemente a translocação envolve o cromossomo 21 e o cromossomo 14. No exame do cariótipo é descrito como: 46, XX, t(14;21)(14q21q) para sexo feminino e 46,XY, t(14;21)(14q21q) para sexo masculino;

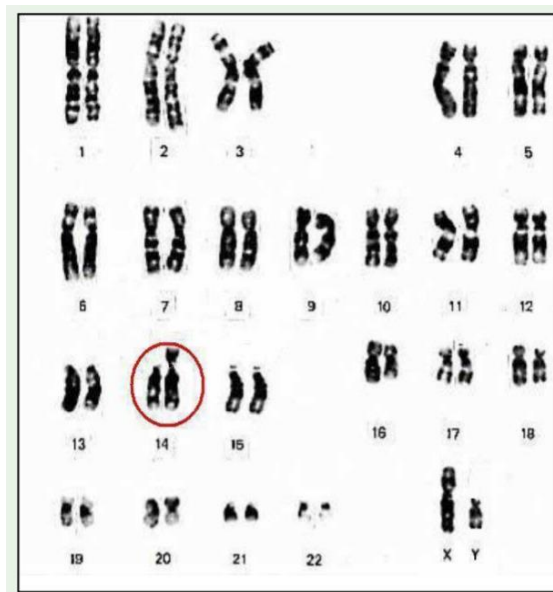
Mosaico – detecta-se entre 1 a 2% dos casos de SD, é também de ocorrência casual e caracteriza-se pela presença de um duas linhagens celulares, uma normal com 46 cromossomos e outra trissômica com 47 cromossomos sendo o cromossomo 21 extra livre. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) faz parte do conjunto de classificações da Organização Mundial de Saúde e foi publicada em 1980 e revisada em 2001, sendo no mesmo ano traduzida e validada para a língua portuguesa. (BRASIL, 2013, p. 21-22 *apud* FARIA, 2017, p. 21).

Com isso, percebe-se que o Síndrome de Down pode ocorrer em duas instâncias. Na trissomia simples ocorre devido a uma malformação do feto. Já no caso da translocação e

mosaico ocorre devido a genes herdados de um ou de ambos os pais. Desta forma, existe algumas variáveis a ser considerado na hora do diagnóstico de uma criança com Síndrome de Down.

Para melhor exemplificar veja as figuras. A Figura 1 abaixo demonstra o cariótipo com divisões cromossômicas do tipo Trissomia por Translocação Robertsoniana. 46XY t(14,21) (14q;21q) do sexo masculino, ou seja, o cromossomo extra se encontra ligado ao cromossomo 14 e não como uma cópia exata do cromossomo 21 que se encontra ao lado, como ocorre no caso da Trissomia Simples.

Figura 1 - Trissomia por Translocação Robertsoniana

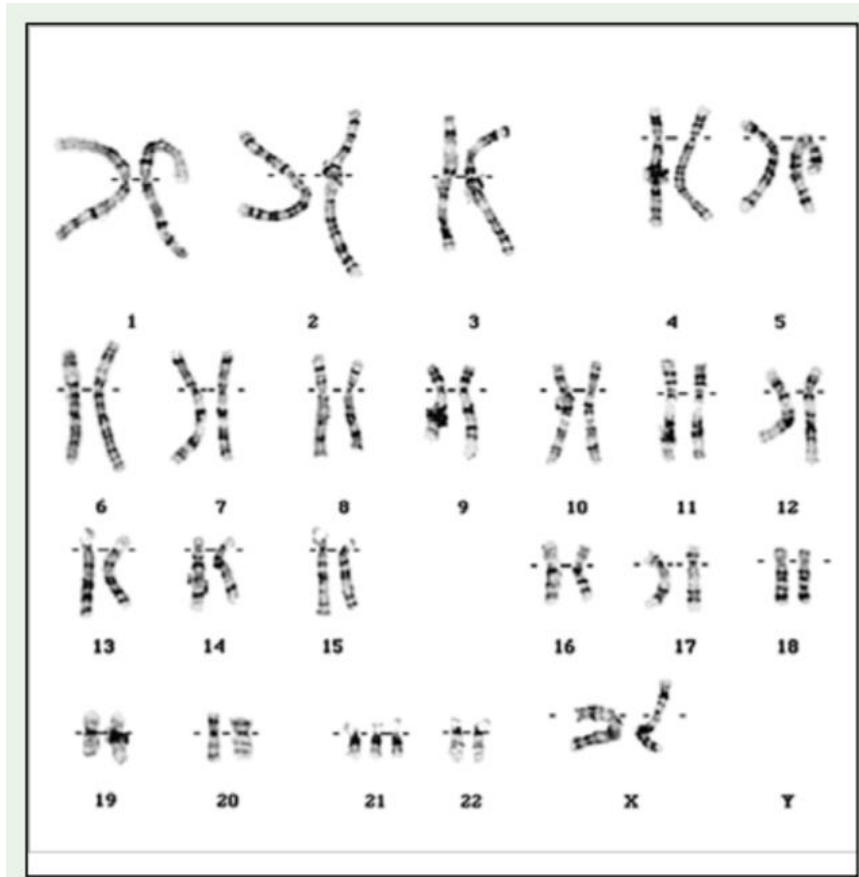


Fonte: Brasil (2013).

Neste caso a Síndrome de Down ocorreu de forma herdada por um dos pais, ou seja, um dos pais ficou com um pedaço do cromossomo 21 grudado no cromossomo 14, entretanto, como o cromossomo 21 ficou completo não houve alteração, porém, essa duplicação passou para o feto.

Na Figura 2 demonstra o cariótipo com divisões cromossômicas do tipo Trissomia Simples (Livre) 47, XX + 21 do sexo feminino, ou seja, o cromossomo extra é uma cópia exata do cromossomo 21 que se encontra ao lado deste.

Figura 2 - Trissomia Simples (Livre) 47, XX + 21



Fonte: Brasil, 2013

Neste caso a Síndrome de Down ocorreu de forma espontânea sem ser provocado por motivos genéticos de carga familiar.

A chegada de uma criança é sempre um momento único em uma família e estes desejam que o bebê venha com bastante saúde e cresça para ser um adulto feliz e realizado. Então uma notícia como a de que seu filho tem Síndrome de Down pode gerar choque que desestabiliza toda a família, este choque pode ser chamado de fase de “luto”. “Aqui a palavra luto tem uma conotação diferente, pois não se refere à morte no seu sentido literal, mas se refere à morte dos sonhos, perspectivas, desejos e planos elaborados durante todo o período gestacional para a criança tão esperada” (FARIA, 2017, p. 20).

Existe um consenso na sociedade de que qualquer pessoa que nasça com alguma deficiência, em especial se essa deficiência for intelectual, não poderá ter uma vida considerada socialmente “normal”. No caso da Síndrome de Down este consenso é de que a criança não irá se desenvolver nas atividades básicas do dia a dia como as outras pessoas, tais como: trabalhar,

estudar, andar e conversar. Isto é um argumento preconceituoso e de certa forma falta informações sobre a pessoa com deficiência intelectual, pois “O desenvolvimento neurológico, psicológico e físico da pessoa com Síndrome de Down sofre influência de suas características genéticas, mas será em parte, determinado pelas oportunidades que lhes são oferecidas no decorrer da vida.”, além de que, “A ciência nos mostra que a síndrome de Down causa limitações no desenvolvimento físico e intelectual. No entanto, a intensidade dessas limitações, até hoje, não foi definida” (DALLA-DÉA ; DUARTE, 2009, p. 24).

Para que a pessoa com Síndrome de Down possa ter a melhores oportunidades na sua vida, e assim, chegar a sua melhor capacidade, mesmo com limitações, é de extrema importância o apoio da família. Sendo isto na forma de estímulos e auxílio para o pleno desenvolvimento dos seus sentidos e raciocínio. Repetição é necessário, assim como sons, brinquedos, carinhos e formas geométricas, entre outros. A forma de estímulo que esta pesquisa busca mostrar é a leitura e a sua importância para que a criança com Síndrome de Down possa vivenciar melhor o convívio com as coisas e pessoas ao seu redor.

4.1 PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

O grande propósito desta pesquisa é compreender sobre a leitura das pessoas com Síndrome de Down. Para isto, torna-se necessário saber como acontece a leitura dessas pessoas, e qual a importância que a família dá no processo de leitura dessas crianças.

Para Barby e Guimarães (2016) a leitura e a escrita tem assumido um papel muito essencial na tentativa de autonomia, participação social e o acesso aos bens culturais nas sociedades modernas; e isso tem feito com que países em desenvolvimento e subdesenvolvidos procurassem investir mais no processo de alfabetização dos seus cidadãos. Entretanto, no Brasil, existe um índice baixo de alfabetização na idade certa, o que acaba fazendo com que haja uma reflexão sobre os métodos de aprendizagem que são utilizados para desenvolver as habilidades de escrita e leitura, especialmente os métodos utilizados em pessoas com deficiência intelectual, como a Síndrome de Down.

A falta de métodos desenvolvidos para auxiliar pessoas com Síndrome de Down pode estar vinculado a crença existente de que essas pessoas não possuem pleno desenvolvimento

intelectual, ou seja, são limitados e não vale a pena criar projetos que os ajudem a se desenvolver. Todavia, essa afirmação é falsa, como visto anteriormente.

Algo que poderia ajudar na quebra desses estereótipos é a produção de pesquisas sobre a leitura de pessoas com Síndrome de Down, em especial estudos de caso. Comin e Costa (2012) em seu artigo buscou justamente saber sobre os trabalhos que foram publicados com o assunto voltados para Síndrome de Down: leitura, escrita e alfabetização do ano de 2001 a 2011. Usando como fonte de busca as seguintes bases de dados: Google Acadêmico/Scholar; Portal de Periódicos da CAPES e SciELO. Os artigos buscados tinham que ser em português, mas podiam ser publicações nacionais ou internacionais. O resultado mostrou que de 115 trabalhos nacionais selecionados para a pesquisa, 107 eram vinculados à área de Biológicas e o restante da área de Humanas. Já das 97 publicações internacionais selecionadas 39 eram vinculados à área de Biológicas, sendo que o restante eram vinculados à área de Humanas. Percebe-se na pesquisa realizada, que apesar das poucas publicações sobre Síndrome de Down e leitura, a maioria tem conexão com o aspecto biológico.

Ao realizar a busca para a presente pesquisa, utilizou-se de artigos que falassem sobre projetos desenvolvidos com o intuito de mostrar avanços que podem ser alcançados com estímulo adequado. Um exemplo de projeto é o desenvolvido por Peiosi *et al* (2018) que foi detalhado em forma de um artigo escrito em inglês. O projeto tinha como proposta saber “se a estimulação sistemática de habilidades cognitivas e linguísticas, especialmente as fonológicas, são capazes de favorecer o aprendizado da leitura e escrita dos pesquisados com Síndrome de Down” (PEIOSI *et al*, 2018, p.531, tradução nossa).

O projeto foi realizado no Brasil, com cinco pesquisados, sendo que todos são crianças entre 9-12 anos de idade que têm Síndrome de Down. Foi realizado no decorrer de um ano através de workshops desenvolvidos com base nos livros da *Coleção Estrelinha* da autora Sônia Junqueira. Cada oficina era dividida em 30 minutos de atividade de jogos e 30 minutos de atividades gráficas. Ao final do projeto os dados foram colhidos e percebeu-se que as crianças “evoluiu suas habilidades de reconhecimento de alfabeto, leitura, escrita e a interpretação de pequenos textos. Cada um teve um avanço de acordo com seu ritmo” (PEIOSI *et al*, 2018, p. 535, tradução nossa).

Após mostrar todos os dados coletados da pesquisa as autoras comentam que o estudo realizado mostra que “a constante estimulação dessas crianças, com o suporte de uma time

interdisciplinar constituído por professores, psicopedagogos, terapeutas de fala e terapeutas ocupacionais, vai contribuir para o progresso alfabetização deste grupo” (PEIOSI *et al*, 2018, p. 539, tradução nossa). Observa-se portanto, que para haver um ensino de qualidade é preciso um trabalho de equipe multiprofissional, ou seja, professores e terapeutas, sem esquecer da importância da família nesse processo, por isso esta pesquisa busca averiguar, o apoio dos responsáveis na prática de leitura com as crianças Síndrome de Down.

Aqui se traz um adendo, pois muitas vezes professores não se sentem preparados para ensinar uma criança que tenha dificuldades de aprendizado, especialmente se essa dificuldade está diretamente ligada a alguma deficiência intelectual, como é o caso de estudantes com Síndrome de Down.

Cologon (2013, p. 131, tradução nossa) fala que

O crescente número de pesquisas trás evidências que a educação de professores pode eficazmente ajudar professores a refletir sobre suas preocupações e atitudes e desenvolver uma confiança maior e mais positiva em direção a uma educação inclusiva. Providenciando informação para professores em apoiar a educação de crianças com Síndrome de Down é um componente importante na educação de professores.

Além disso, o material utilizado para realizar esse contato da pessoa com a leitura deve ser adequado ao seu nível de aprendizado. Por isso o uso de livros infantis, que em sua maioria possuem muitas figuras e cores que chama a atenção das crianças e encantam. Precisa-se lembrar que existem diferentes tipos de leitura e assim diferentes tipos de leitores, como visto anteriormente.

4.1.1 Leitura de crianças com síndrome de Down

O intuito desta pesquisa se pauta em saber como a leitura ajuda a criança com Síndrome de Down na sua interação com o mundo. Para isto torna-se necessário conhecer quais são os métodos que podem ser utilizado para auxiliar essa criança a começar a ler. Aqui se dá um destaque para o ensino-aprendizagem e o estímulo parental que essas crianças recebem desde bebê, já que este é outro ponto que será abordado no decorrer desta pesquisa.

Barby e Guimarães (2016) destaca a falta de pesquisas realizadas na área do desenvolvimento da consciência fonológica e sua relação com a aprendizagem da linguagem

escrita com crianças e adolescentes com Síndrome de Down, com isso elas dedicaram a pesquisa destacada para tentar achar os dados que faltam. Uma parte da pesquisa realizada pelas autoras se assemelham muito a pesquisa que se realizou aqui, pois elas realizam entrevista com as mães dos alunos com a qual realizaram a pesquisa. De acordo com elas (BARBY; GUIMARÃES, 2016, p.384) essa entrevista foi realizada para “coletar informação sobre o desenvolvimento motor e de linguagem, idade cronológica, histórico clínico e escolar, condições visuais e auditivas, atendimento especializado [...] e cariótipo da Síndrome”. Outro foco da presente pesquisa é saber como a criança com Síndrome de Down lê, justamente para mostrar os diferentes tipos de leitura que existem. E a partir disso aprender como ensinar uma criança com Síndrome de Down a ler, para depois aplicá-las e proporcionar formas de melhorar o ensino.

Cudworth e Powell (2013) escrevem sobre técnicas de ensino de leitura para crianças com Síndrome de Down de 3 a 11 anos. Dividir em três etapas, onde cada uma deve ser realizada quando a criança já tiver dominância sobre a etapa anterior. A primeira etapa consiste em ensinar a criança através das combinações, onde são feitas duas cartas idênticas para cada uma das quatro palavras que o pai ou mãe deve selecionar, depois uma carta é colocada na frente da criança e a outra é dada para a criança segurar, fazendo com que a criança coloque uma carta do lado da outra e associe as duas palavras como sendo a mesma. A próxima etapa é a de selecionar, onde se repete a etapa anterior e depois se coloca as quatro cartas na frente da criança e seleciona uma e pede para ele lhe dá esta carta, dando uma auxílio caso a criança precise. A última etapa é a de dar um nome, onde você mostra uma das cartas para a criança e pede está lhe falar o nome do objeto na carta. Depois de completar essas etapas os autores falam que está na hora de começar a introduzir frases completas, porém simples.

Essas técnicas são simples e podem ajudar, porém, cada criança terá o seu ritmo e sua vivência, que contribuirão para que passem as etapas, conforme sugere a atividade. Deve-se lembrar que a técnica do Cudworth e Powell (2013) não são os únicos e existem outras técnicas que podem divergir bastante da apresentada ou podem mudar a forma apresentada.

Como a técnica desenvolvida pelo Kotlinski e Kotlinski (2002) criada por eles inicialmente para sua filha Maria, logo depois do seu nascimento, por causa da falta de itens comercialmente disponível na época, que fosse apropriado às suas necessidades. Com isso acabaram criando a *Love and Learning*, criado usando três conceitos básicos:

- A concepção de que o desenvolvimento linguístico da criança começa logo depois do nascimento;
- A concepção de que ensinar leitura para uma criança com Síndrome de Down ajuda no desenvolvimento linguístico deste;
- A concepção do uso de novas tecnologias junto com o envolvimento parental. (KOTLINSKI; KOTLINSKI, 2002, p. 6).²

A técnica criada por Kotlinski e Kotlinski (2002) é a de utilizar vídeos criados para televisão com o intuito de ensinar as crianças a usar imagens que estão vinculadas as palavras, começa com letras e continua até chegar a frases completas. O avanço é mostrado com resultados coletados pelos autores através da sua filha Maria dos 6 meses até os 16 anos de idade, onde mostram o avanço que a criança teve no decorrer de sua vida até o momento da publicação do artigo.

Ao realizar uma pesquisa, constatou que o site do *Love and Learning* ainda existe e está em funcionamento. Os vídeos criado pelos autores estão atualmente disponíveis no *Youtube* gratuitamente, porém os kits físicos completos de ensino não são comercializados. Com os relatos dessas técnicas compreende-se a importância da leitura para a vida e para o ensino de crianças com Síndrome de Down.

² Um adendo, precisa ser ressaltado que a tecnologia inovadora falada pelos autores é a televisão, algo que para os parâmetros da atualidade já se tornou obsoleto. Porém, o que se busca mostrar aqui é ideia criada pelos autores e como este ainda se mostra muito necessária para o ensino de pessoas com Síndrome de Down na atualidade, em especial o envolvimento parental com a atividade sendo desenvolvida.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da coleta dos dados e organizado por ordem de perguntas. Descreve o perfil dos pesquisados – responsáveis das crianças – o processo de leitura dos pesquisados; a forma como a leitura é incentivada pelos responsáveis das crianças com Síndrome de Down; relata o processo de leitura da criança com Síndrome de Down, evidenciando como o responsável vê a leitura da criança, bem como as ações desenvolvidas para que essa criança continue tendo uma ligação com a leitura e os livros.

5.1 O PERFIL DOS RESPONSÁVEIS

Inicialmente, foram feitos convites formais pela bibliotecária gestora da Biblioteca Asdown - Keyla de Faria - aos responsáveis que se encaixaram no perfil da pesquisa, para assimilar quais teriam interesse em participar. Deste levantamento seis responsáveis aceitaram participar da pesquisa. Todos os seis responderam um questionário contendo no total 41 perguntas que se dividiam nas seguintes categorias: Dados pessoais da(o) responsável; processo de leitura do responsável; e processo de leitura da criança com Síndrome de Down.

A primeira categoria, Dados pessoais da(o) responsável, correspondia as perguntas do 1 ao 8. A questão 1 revelou que cinco dos seis responsáveis são do sexo feminino, isso equivale a 83,3% dos pesquisados. Na questão 2 descobriu-se que 50% dos pesquisados se encontravam com idade entre 46 e 55 anos, 33,3% se encontravam com idade entre 36 e 45 anos e 16,7% se encontravam com idade entre 26 e 35 anos. A questão 3 mostrou que 83,33% dos pesquisados eram mães da criança e 16,77% dos pesquisados eram pais da criança. Na questão 4 foi perguntado sobre a escolaridade dos responsáveis, isto revelou que 16,7% dos pesquisados tinham completado uma pós-graduação, na área de Docência Universitária; 33,3% dos pesquisados tinha somente até o ensino médio; e 50% dos pesquisados tinham ensino superior, sendo nas áreas de Direito, Fonoaudiologia e Pedagogia.

A questão 5 desejava saber o estado civil dos responsáveis e concluiu que, 50% dos responsáveis são casadas(os), 33,3% são divorciados e 16,7% tem uma união estável. Na questão 6 foi perguntado a situação socioeconômica da família, os dados mostram que 66,7% das famílias pertencem a Classe D (Renda Mensal de 1 a 3 salários mínimos) e 33,3% das famílias pertencem

a Classe B (Renda Mensal de 5 a 15 salários mínimos). A questão 7 buscava saber a religião do responsável, as respostas mostram que 16,7% dos participantes não seguem nenhuma religião em específico e 83,3% dos participantes seguem uma religião de matriz cristã, sendo deste 60,0% católicos e 40,0% evangélicos. Por fim, a questão 8 desejava descobrir o bairro onde os responsáveis das crianças residiam, os resultados mostraram que nenhum dos pesquisados moravam no mesmo bairro e alguns geograficamente distantes da Asdown. Os bairros indicados foram: Setor Oeste, Central, Recanto do Sol, Vale das Brisas, Estância Vargem Bonita –Senador Canedo - e Bairro Feliz.

Os resultados conseguidos com esta parte do questionário revelam que, em sua maioria, os responsáveis que responderam à pesquisa eram mães dos participantes, com situações socioeconômica diversas, cristãos que moram em localidades de distância variada do local onde foi aplicada a pesquisa, a Asdown.

5.2 O PROCESSO DE LEITURA DOS RESPONSÁVEIS

A próxima parte do questionário, processo de leitura do responsável, buscou dados sobre esse processo, para poder entender melhor como o hábito de leitura deles influenciava no contato com a leitura que traziam para sua filha ou filho. As questões referente à esta parte foram de 9 ao 19.

A questão 9 perguntava sobre a importância da leitura na vida do responsável, os resultados podem ser percebidos no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 – Importância da leitura na vida do pais

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Conforme mostra o gráfico, nenhum dos pesquisados responderam que a leitura tem uma importância pouco ou regular, dois dos pesquisado responderam que a leitura importância significativas em suas vidas, outro respondeu que a leitura possui muito significância em sua vida e três responderam que a leitura é altamente significativa em suas vidas.

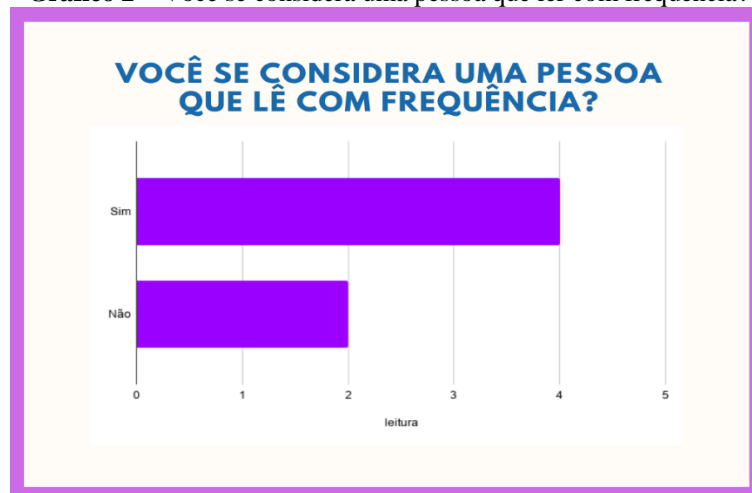
Através da leitura, abre-se as portas de um novo mundo para o indivíduo, um mundo constituído de muitas oportunidades, de uma condição de dignidade e inclusive um instrumento transformador de vida influenciando inclusive aspectos emocionais da pessoa que se sente motivada, envolvida e comprometida com a leitura e esse novo mundo de descobertas e de conhecimento. (CASTRO; ARAÚJO, [201-], p. 2)

A questão 10 era de caráter dissertativo, onde a pessoa deveria responder, com suas próprias palavras, para elas ou ele, o que era a leitura. Por ser uma resposta descritiva o que foi escrito poderia mudar de acordo com a interpretação de cada indivíduo. O participante 3 (P3) respondeu que para ela a leitura “foi fundamental. Eu e meu avô líamos livros inteiros juntos. Meu amor por escrever e compor músicas e poemas veio dessa rotina diária de leitura”. Aqui a pessoa fez uma ligação da sua paixão pela leitura e o que isso afetou em sua vida. 50% dos participantes responderam que a leitura está conectada ao conhecimento, Participante 1 (P1) relatou que “para mim leitura é tudo, pois melhora nosso conhecimento de um modo geral.” E

Participante 2 (P2) afirmou que “leitura é conhecimento de mundo que descobre coisas maravilhosas”. Neste caso os pesquisados fizeram uma ligação entre a leitura e o que este os ensina. A participante 5 (P5) seguiu este mesmo pensamento, porém dando enfoque para a informação: “leitura é compreender uma informação, escrita e visual.” A participante 4 (P4) respondeu que a leitura é uma forma de viagem, “é uma forma de conhecer outros lugares, outros povo, outras culturas.” Dando um enfoque para as sensações sentidas durante a leitura.

A questão 11 foi dividida em duas partes, ambas de múltipla escolha. A primeira parte consistia em responder se a pessoa se considerava uma pessoa que lia com frequência. Verifique dados no Gráfico 2, a seguir.

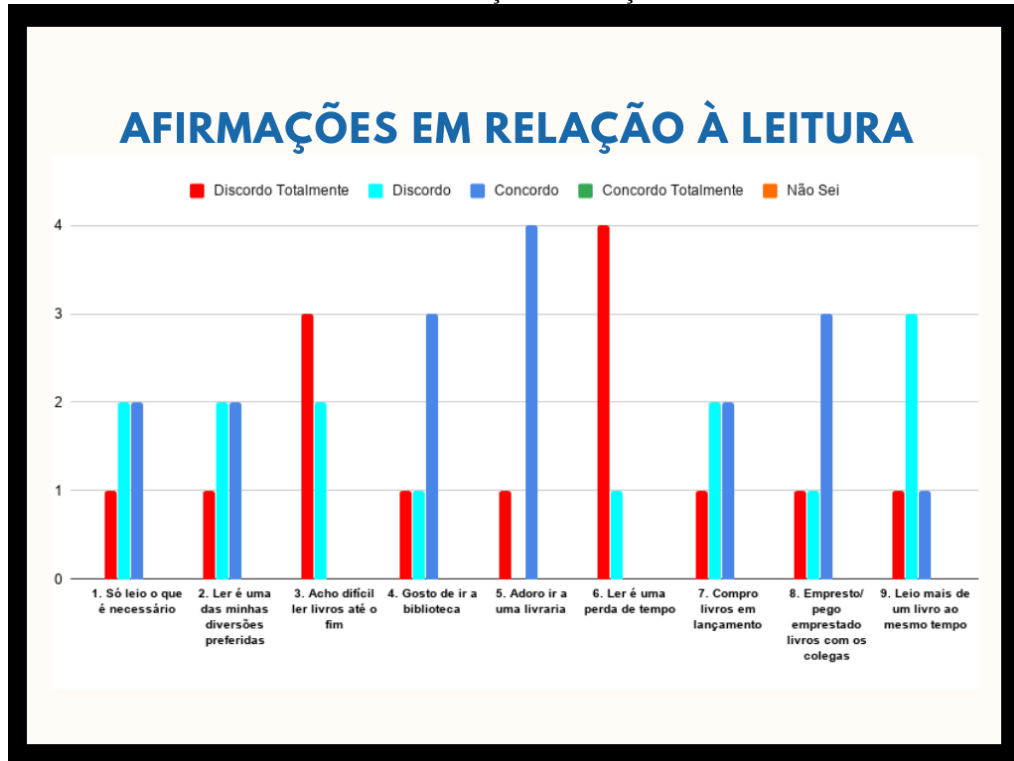
Gráfico 2 – Você se considera uma pessoa que ler com frequência?



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Como foi visto, dos seis pesquisados quatro se consideram pessoas que leem com frequência e dois relatam que não liam com frequência. Neste caso, a pesquisa mostra que 66,6% dos participantes leem com frequência, um dado que está em linha com os dados trazidos pela pesquisa Retratos da leitura no Brasil de 2015 que mostra que 54% da população são leitores. Deve ser ressaltado que a quantidade de pessoas utilizadas nesta pesquisa é menos do que a utilizada na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2015. Na segunda parte da questão 11 tinha algumas afirmações em relação à leitura e a participante deveria marcar um X em como se sentiam em relação à afirmação, se discordavam totalmente, discordava, concordava, concordava totalmente ou não sabia responder. Os resultados são apresentados no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 – Afirmações em relação à leitura



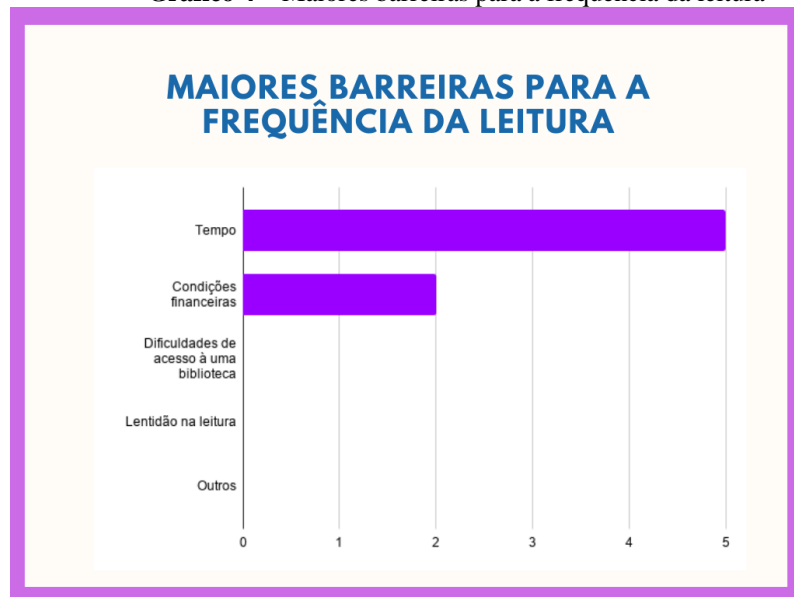
Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Aqui deve ser destacado que as respostas da participante 6 (P6) foi anulado por sua resposta estar incompatível com a pergunta, acredita-se que a participante não compreendeu a proposta da questão. Sendo assim, esses dados são apresentados, conforme as respostas dos demais participantes. Na primeira afirmação os resultados mostram que, em relação a essa afirmação, 20% discordaram totalmente, 40% discordaram e 40% concordaram. Na segunda afirmação os resultados mostram que, 20% discordaram totalmente, 40% discordaram e 40% concordaram. Na terceira afirmação os resultados mostram que 60% participantes discordaram totalmente e 40% discordaram, neste caso é possível afirmar que todos os participantes, que responderam esta parte do questionário, não possuem dificuldades em terminar um livro. Na quarta afirmação os resultados mostram que 20% dos participantes discordaram totalmente da afirmação, 20% dos participantes discordaram e 60% dos participantes concordaram. Neste caso não é possível saber se o participante tem bastante contato com a biblioteca, entretanto ter um gosto pela biblioteca pode demonstrar que essas pessoas tiram algum tempo para ir a uma biblioteca ou procuram saber se existe um no seu bairro ou cidade.

Os resultados da quinta afirmação demonstram que 20% dos participante discordaram totalmente e 80% dos participantes concordaram com a afirmação, ou seja, a maioria dos participantes que responderam que adoram ir para uma livraria. Isto pode se dar ao falto de algumas livrarias terem si tornado um ambiente mais convidativo e aconchegante, com espaços locais para sentar e realizar a leitura no local. Todas as respostas a afirmação seis foram de discordância, sendo que 80% discordaram totalmente e 20% discordaram. Isto mostra que todos os participantes que responderam esta questão concordam que a leitura não é uma perda de tempo, mesmo que alguns não tenham o hábito de ler com frequência.

Na afirmação sete os resultados recebidos demonstram que 20% dos participantes discordaram totalmente, duas pessoas discordaram e duas pessoas concordaram com a afirmação. Não comprar um livro em lançamento pode se dar por diversos motivos, entre eles o alto valor econômico de alguns livros e a falta de contato com os lançamentos editoriais brasileiros e estrangeiros. Na afirmação oito 20% dos participantes discordaram totalmente, 20% dos participantes discordaram e 60% dos participantes concordaram. Percebemos com esta afirmação que a maioria dos pesquisados possuem o hábito de emprestar ou pegar livros emprestados com colegas. Para pessoas que não tem condições financeiras esse hábito pode ser um grande incentivo à leitura. Por fim, a as respostas da afirmação nove mostram que 20% doa participantes discordaram totalmente, 60% dos participantes discordaram e 20% dos participantes concordaram, ou seja, apenas um dos participantes ler um livro ao mesmo tempo. Isto pode se dar pelo fato de algumas pessoas acharem certa dificuldade em ler mais de uma obra ao mesmo tempo e terem medo de confundirem a história.

A questão 12 procurou saber quais eram as barreiras para a frequência da leitura dos responsáveis. Mesmo com os resultados da questão 11 sendo em sua maioria positivas, ainda é necessário saber o que pode ser uma barreira para a leitura frequente dos responsáveis. O resultado é mostrado no gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 – Maiores barreiras para a frequência da leitura

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Conforme mostra o Gráfico 4, 83,3% dos participantes responderam que a maior barreira para a leitura se encontra no tempo, ou seja, falta tempo na sua rotina para poder realizar uma leitura da forma como desejam, e 16,7% dos participantes responderam que sua maior barreira é as condições financeiras. Como mencionado na questão anterior, o alto custo dos livros podem impedir que algumas pessoas adquiram livros com frequência.

A questão 13 buscou saber os 3 livros que os participantes leram e mais gostaram, além de saber quem indicou a leitura, se foi um amigo, a escola ou alguém da família. O resultado mostrou a maioria dos livros que foram mencionados são livros em forma de romance e que a maioria dos livros foram indicados por amigos ou conhecidos. Todas as respostas foram destacadas a seguir, na tabela 1:

Tabela 1 – Livros que os responsáveis mais gostaram de ler e quem indicou

Título do livro	Quem indicou
Mobi Dick	Eu tinha em casa
A ilha das correntes	Eu tinha em casa
Bibliografia Steve Jobs	Escolhi na livraria
O segredo	Amiga
Adeus às armas	Marido
O diário de Anne Frank	Marido
Bíblia	Pastores
Filhos do fogo	Pastores
Cromossomo 21	Não foi especificado quem indicou
O pequeno príncipe	Releitura
Poliana	Releitura
Divina Comédia	Professor de auto conhecimento
A Bíblia Sagrada	Amiga
A cabana	Amigo
12 semanas para mudar sua vida	Amigos
Filho especial	Amigos
O segredo da vida	Amigos

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

A questão 14 buscava saber a quantidade de livros que a tinham na casa do responsável. Os resultados mostram que 50% das casas, tem livros o suficiente para encher uma prateleira (1 a 20), o que é considerado uma quantidade bem baixa, entretanto, como foi mostrado na pesquisa Retratos da Leitura de 2015, 30% dos brasileiros nunca compram livros durante a vida e 18% não compraram um livro há mais de dois anos, ou seja, uma parcela significativa da população não compram livros ou compram livros raramente, algo que foi mostrado nesta pesquisa; 33,3% das casas tinham livros o bastante para encher uma estante (20 a 100); e 16,7% das casas tinham livros o bastante para encher várias estantes (mais de 100). Esses dados são mostrados no Gráfico 5.

O que esses dados mostram é que os brasileiros não tem muito o costume de comprar livros, isto pode se dar por inúmeros motivos, como a falta de condições financeiras, como foi

mencionado anteriormente, ou até por falta de incentivo e costume. Como foi mostrado na pesquisa Retratos da Leitura de 2015, na hora de escolher um livro para comprar 42% dos brasileiros olham o preço e 13% compram por ter um costume de comprar no local.

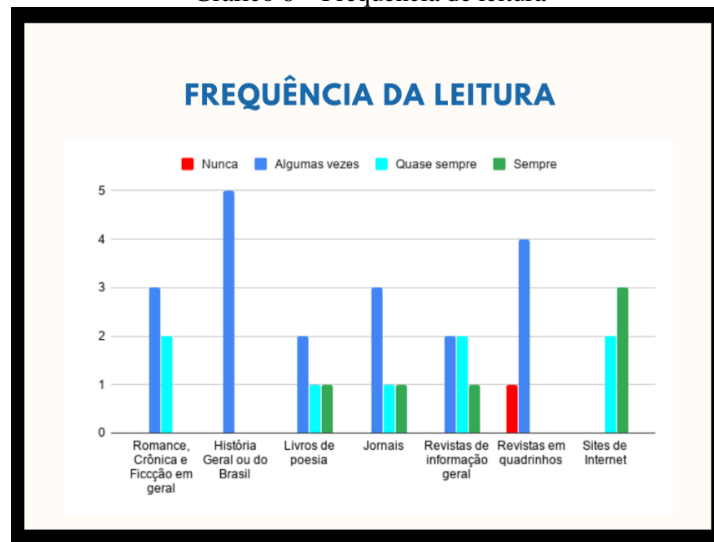
Gráfico 5 – Quantidade de livros que há na casa



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

A questão 15 foi dividida em duas partes, sendo a primeira parte descritiva, onde o participante deveria indicar se lia algo além de livros. As respostas recebidas foram diversas fontes que faziam parte do cotidiano como bulas de remédio, revistas, panfletos, blogs, ebooks, PDF, artigos de internet, artigos, jornais locais e histórias infantis. A segunda parte da questão 15 era de múltipla escolha, onde o participante deveria responder com que frequência liam os tipos de literaturas indicadas, tendo as seguintes respostas: Nunca, Algumas vezes, Quase sempre e Sempre. O resultado é mostrado no Gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6 – Frequência de leitura



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Aqui deve ser observado que a P6 não respondeu corretamente esta questão, acreditamos que por não entender a proposta, então a sua participação nesta parte da questão foi anulada. Na primeira opção ‘revistas, crônicas e ficção no geral’ 100% dos participantes liam, sendo que 60% liam algumas vezes e 40% liam quase sempre. Na segunda opção ‘História geral ou história do Brasil’ 100% responderam que liam algumas vezes. Na terceira opção ‘Livros de poesia’ 60% responderam liam algumas vezes, 20% responderam que liam quase sempre e 20% responderam que lia sempre. Na quarta opção ‘Jornais’ 60% dos participantes afirmaram que liam algumas vezes, 20% dos participantes afirmaram que liam quase sempre e 20% dos participantes afirmaram que liam sempre. O jornal é algo que está presente no cotidiano e tem um baixo custo, o que pode auxiliar no acesso a esse meio de informação.

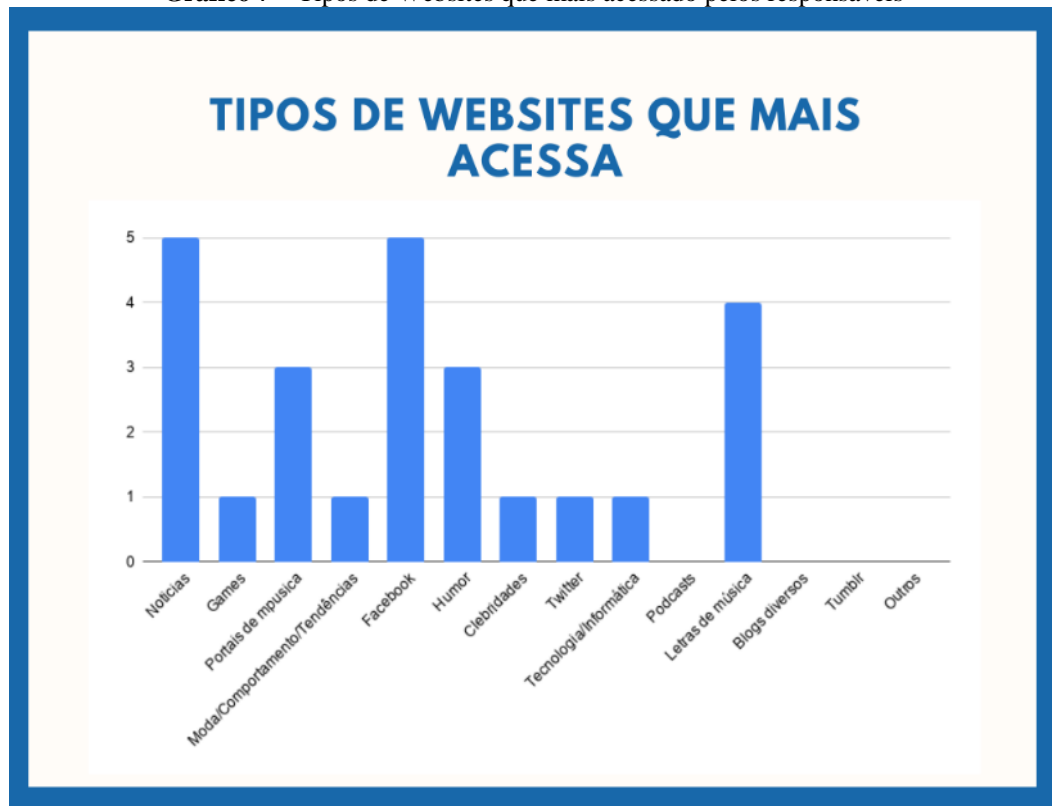
A quinta opção ‘Revistas de informação geral’ teve como resposta 40% dos participantes afirmando que liam algumas vezes, 40% dos participantes afirmando que lia quase sempre e 20% dos participantes afirmando que lia sempre. A sexta opção ‘Revista em quadrinhos’ mostrou que 20% dos participantes nunca liam e os demais 80% dos participantes liam algumas vezes. Apesar do fácil acesso a esse meio é possível que pela faixa etária que costumam estar vinculado ao quadrinho, crianças e adolescentes, pode desmotivar o adulto a ter contato com esse meio de informação e diversão. A sétima e última opção ‘Sites de Internet’ mostrou que 40% dos participantes acessavam quase sempre e os demais 60% acessavam sempre. Com a modernidade o acesso à web tem si tornado um mecanismo mais acessível, a maioria das pessoas tem smartphone que utilizam para acessar internet e sites em poucos segundos. Essa facilidade faz

com que este seja o meio mais utilizado pelas pessoas na busca por informação. Segundo Levy (2010, *apud*, JESUS *et al.* 2017, p. 1687):

a sociedade está inserida numa Cibercultura, considerando-se que a comunicação já existia anteriormente com a escrita e a fala, mas a tecnologia trouxe a possibilidade do compartilhamento das informações ultrapassando limites de espaço e tempo, isso tudo conectado por instrumentos eletrônicos. Nesse cenário, o celular passou a ser um objeto muito mais que utilitário, passando a ser um objeto pessoal com significados sociais.

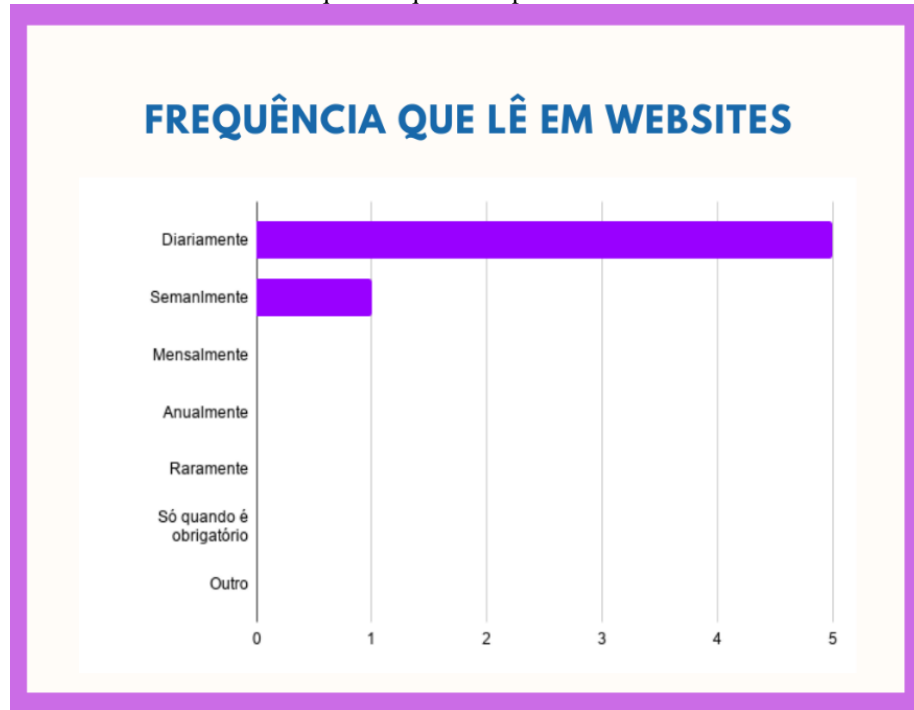
A questão 16 procura explorar mais sobre o mundo online dos participantes, buscando saber quais websites este acessava. É importante saber quais são os meios de informação e diversão online utilizada pelo participante, pois isto pode influenciar nas informações dadas a criança. As respostas podem ser observadas no Gráfico 7, que mostra que dos seis responsáveis entrevistados, 83,3% acessam sites de notícias; 16,7% acessam site de games; 50% acessam portais de música; 16,7% acessam site de Moda, comportamento ou tendências; 83,3% acessam o Facebook; 50% acessam sites de humor; 16,7% acessam o Twitter; 16,7% acessam sites de celebridades; 16,7% acessam site de Tecnologias/Informática; 0% acessa podcasts; 66,7% acessam sites de letras de música, 0% acessam blogs diversos e 0% acessam o Tumblr.

Gráfico 7 – Tipos de Websites que mais acessado pelos responsáveis



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Ainda em busca de saber a frequência de acesso a websites a questão 17 buscava saber a frequência do acesso a estes. O resultado pode ser visto no Gráfico 8. As respostas mostram que 83,3% dos participantes liam nestes sites diariamente e 16,7% lia semanalmente. Esses resultados mostram que os participantes acessam muitos sites e executam suas leituras nas referidas plataformas, diante desse resultado percebe-se que em muitos dos casos o acesso é para informação ou diversão.

Gráfico 8 – Frequência que os responsáveis lê em Websites

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

O foco desta pesquisa é saber como a leitura afeta a vida da criança com Síndrome de Down e o auxilia no contato com o mundo ao seu redor. Os dados coletados nas partes anteriores foram necessários para verificar o contato do responsável com a leitura e como isso pode afetar a forma como este passa o acesso e contato com a leitura para seus filhos e filhas. Entretanto, foi preciso aprofundar o questionamento sobre o olhar do responsável com relação a leitura do filho. Para isso, na questão 18 foi questionado se o participante acreditava na existência de outras formas de ler, além da leitura de palavras, e solicitou ainda uma explicação para a sua resposta.

As respostas demonstravam que apenas 16,7% dos participantes, P1, não acreditavam na inexistência de outras formas de leitura, dando a seguinte resposta: “Não. Não acho que exista outro meio de leitura. A não ser em texto” Os demais participantes acreditam que existam sim outra forma de leitura e falam quais seriam essas formas, indo por caminhos diferentes para demonstrar isto. O P6 respondeu que “Sim, para as pessoas surdas eles se comunicam em libras é um tipo de leitura também.” Fazendo aqui uma conexão com as diferentes formas de leitura de uma pessoa com deficiência. O P3 respondeu “Creio que o Podcast seja essa ‘forma de ler’ além da leitura. O efeito é semelhante quanto a compreensão do que fora dito.” Neste caso a participante fez uma conexão entre leituras sem palavras com uma leitura escutada que necessita

de compreensão, mas de uma forma diferente. 50% dos participantes responderam e fazem ligação com a leitura de imagens e interpretação, a P4 respondeu o seguinte “Sim. Existe a leitura visual e interpretação de figura.” A P2 respondeu afirmando que “Sim, com gestos, músicas, artes, olhar, etc.” e a P5 respondeu “Sim. Através de imagens: contando histórias”.

As últimas respostas mostram que a maioria dos pesquisados acreditam que exista uma forma de leitura onde é possível fazer a interpretação própria ou da leitura com base em imagem. Esse tipo de leitura é o mais comum entre crianças e pessoas com Síndrome de Down.

Para finalizar está parte do questionário a questão 19 foi de cunho dissertativa e buscou compreender como o participante interagia com sua filha ou filho em relação a leitura. As respostas mostram que 83,3% dos participantes participam ativamente da leitura dos livros. A P4 respondeu que “Muito bem. É um momento só nosso muito prazeroso.” Afirmado assim que ela transformou esse momento de leitura em um momento prazeroso em família para a criança. A P3 afirmou que “Diana ama livros, mesmo não lendo ou falando simula uma leitura como se contasse a estória ali descrita. Fazemos isso algumas vezes.” Aqui a forma como a leitura foi realizada se diferencia do comum. A história é contada conforme o olhar da criança e sua interpretação das imagens e dos seus conhecimentos. Isso pode estimular a criança a ter um contato maior com os livros. Alguns pais deixam a criança escolher o livro ou realiza para seus filhos a leitura de uma das histórias que ali estão escritas, para que este possa entender as letras ali escritas. Ao compreender as palavras a criança pode entender com mais facilidade o que as letras significam e ter um contato maior com a leitura

Neste parte do questionário é possível afirmar que a maior parte dos participantes são leitores frequentes de sites de internet, mesmo que não tenham uma frequência literária os participantes possuem contato com a leitura diariamente, e demonstram a importância da leitura na sua vida. A maior parte acredita que exista uma leitura que não seja em forma de livros. Apesar de haver algumas divergências com relação ao pontos de vista, os pais realizam leituras com as crianças para que elas tenham uma interação direta com a leitura.

5.3 A LEITURA DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

O foco da presente pesquisa é saber como a leitura afeta a vida das crianças com Síndrome de Down. Evidenciando os diferentes tipos de leitura que existem e como essa leitura

afeta a forma como a criança interage com o mundo ao seu redor. Para isso foi elaborado questões específicas relacionadas às crianças e a leitura. Esta parte foi nomeada ‘Processo de leitura da criança com Síndrome de Down’ e consistia nas questões 20 à 41, ou seja, foi a parte com mais questões de todo o questionário.

A questão 20 buscava saber o nome da criança com Síndrome de Down que estava sendo pesquisado nesta pesquisa. Esta questão foi com o intuito de diferenciar os questionário e as respostas. As respostas serão divulgadas aqui nesta pesquisa apenas com abreviações, composta pelo ‘C’ de Criança e a primeira letra do primeiro nome da criança, sendo que no caso de duas crianças com que tenham a mesma letra do primeiro nome será adicionado a primeira letra do sobrenome.

As respostas das questões 20, 21, 22, 23 e 24 foram juntadas em uma só tabela, a Tabela 2, para melhor entendimento dos dados. A questão 21 buscava saber a idade da criança; a questão 22 gostaria de saber se as crianças frequentavam a escola e em qual ano se encontrava; a questão 23 buscou saber o nome da escola que a criança frequenta; e a questão 24 buscava saber se a escola frequentada era de cunho público, conveniado ou particular. Os resultados mostram que todas as crianças frequentam a escola, 33,3% estão em anos respectivos a suas idades e 66,7% estão em anos que não correspondem a idade do ciclo regular educacional.

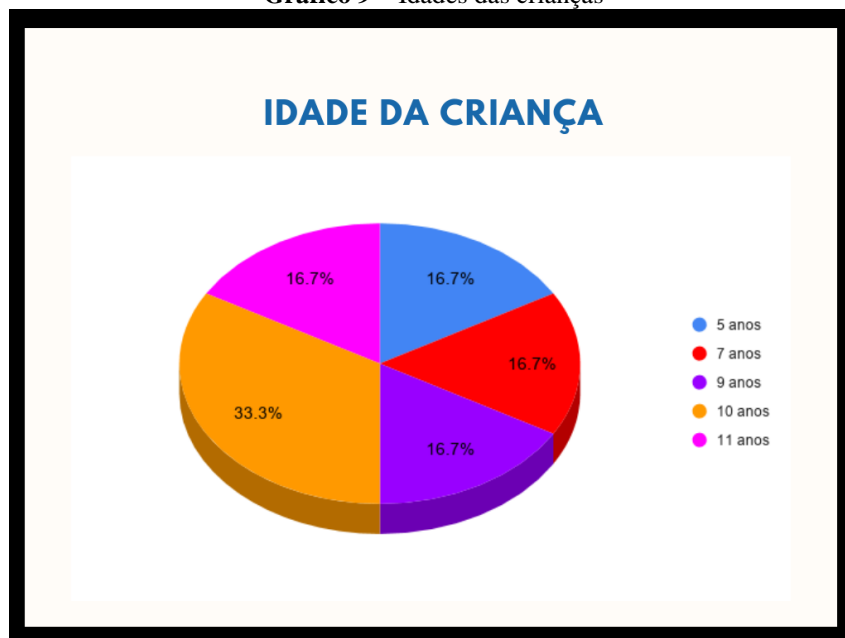
Tabela 2 – Relação idade, ano e escola frequentada pela criança

Nome da criança (Idade)	Ano na Escola	Nome da Escola	Tipo de Escola
C.J. (10 anos)	3 ano	Externato são José	Particular
C.B. (10 anos)	4 ano	Escola Municipal José Botelho	Pública
C.D.S. (7 anos)	2 ano	Escola Municipal Benedito Rodrigues	Pública
C.L. (11 anos)	5 ano	Colégio Estadual Nanhá do Couto	Pública
C.M. (9 anos)	2 ano	Escola Municipal Uni Duni Tê	Pública
C.D.L. (5 anos)	Nível 2 Educação Infantil	Colégio Integrado de Educação Moderna	Particular

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

As respostas da questão 21 pode ser visto no Gráfico 9. Os dados mostram que 16,7% das crianças tem 5 anos de idade, 16,7% das crianças tem 7 anos de idade, 16,7% das crianças tem 9 anos de idade, 16,7% das crianças tem 11 anos de idade e 33,3% das crianças tem 10 anos de idade. Através destes dados é possível perceber que houve uma variação significativa de idade na presente pesquisa que auxiliou na busca por dados mais concretos e efetivos, que mostrasse a diversidade de leitura em diferentes nível para uma criança com Síndrome de Down. Nas respostas obtidas na questão 24 pode-se perceber que em relação as escolas frequentadas pelas crianças 66,7% eram de cunho público, 33,3% eram de cunho particular.

Gráfico 9 – Idades das crianças



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

A questão 25 e 26 estavam interligadas e buscavam saber quantas pessoas viviam na casa com cada criança e qual o nível de parentesco destes com a criança. Percebeu-se que todas as crianças viviam com os pais, padrastos e/ou irmãs e irmãos, o que mudava era a quantidade. Em um caso a criança tinha dois irmãos e em outro a criança morava apenas com a mãe e o padrasto.

A questão 27 indagava sobre outras crianças que tinham contato ou convívio com a criança pesquisada. A maioria convivia com primos, irmãos e colegas da escola com as faixas etárias que variavam entre 3 e 16 anos, dependendo da criança. A questão 28 procurava saber

sobre habilidades em especial que a criança poderia ter. Os resultados foram mostrados na Tabela 3.

Tabela 3 – Relação criança e habilidades especiais

Nome da criança (Idade)	Habilidade Especial
C.D.S.	Não possui nenhuma habilidade especial
C.J.	Cantar, dançar e tocar violão
C.B.	Instrumentos musicais
C.M.	Dublador, artista de arco, capoeirista, toca padeiro
C.D.L.	Observadora, ela repeti tudo que ver
C.L.	Natação

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Esta relação da criança com uma possível habilidade especial pode estar ligada a percepção da criança em relação ao mundo ao seu redor. Como qualquer criança, ao achar algo que o interessa este passa a dedicar tempo pelo seu interesse e demonstrar muito carinho e afeição pela atividade sendo desenvolvida, em determinados momentos podendo querer fazer exclusivamente isto.

A questão 29 questionou sobre o acompanhamento profissional feito pela criança. Era uma questão de múltipla escola, entretanto foi deixado uma escolha para a colocação de outros tipos de acompanhamento que a criança poderia está realizando. O resultados são mostrados no Gráfico 10.

Conforme pode ser visto, os dados mostram que 100% das crianças realizam atendimento fonoaudiológico, 33,3% realizam atendimento psicológico, 16,7% fazem acompanhamento neurológico e 16,7% fazem outro tipo de acompanhamento, sendo este atendimento psicopedagógico. Os resultados mostram que todos os participantes acreditam que o atendimento fonoaudiológico é importante, entretanto somente 50% realizam outros tipos de tratamentos que podem auxiliar no desenvolvimento da criança. O acompanhamento com o psicopedagogo é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, e isso pode ser comprovado na fala de Bassani (2012, p. 14) que diz: “o psicopedagogo tem o papel de colaborar na resolução das dificuldades no ensino e na aprendizagem de forma abrangente, assessorando, identificando e

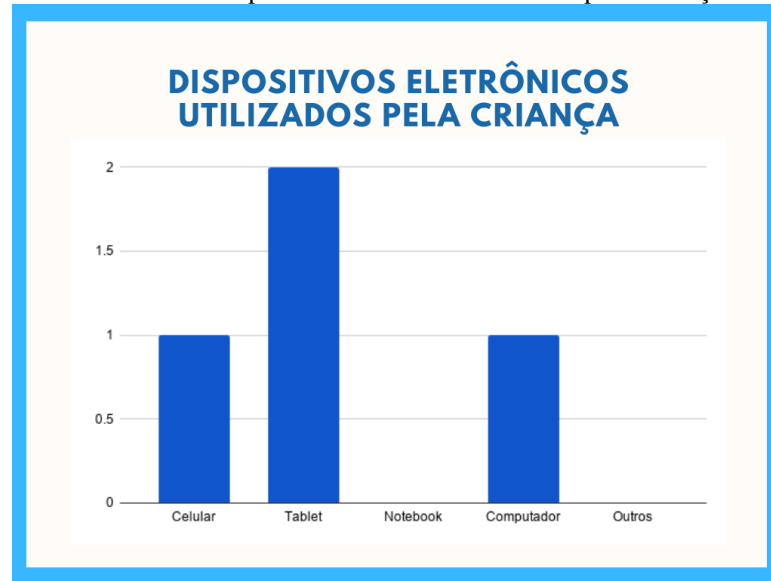
articulando os diversos elementos que compõem o contexto escolar, proporcionando também a estimulação adequada”. Observa aqui a necessidade das crianças terem acompanhamentos com profissionais que auxiliam neste processo de desenvolvimento e aprendizagem, estimulando mais a criança.

Gráfico 10 – Acompanhamentos profissionais



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

A questão 30 começou a indagar sobre o acesso da criança ao meio eletrônico, perguntando se a criança possuía algum acesso a um dispositivo eletrônico. Os dados podem ser mostrados no Gráfico 11. Observa-se que 16,7% das crianças possuem acesso ao celular, 33,3% possuem acesso ao tablet, 16,7% acessam o computador e 0% possuem acesso ao notebook ou outro dispositivo eletrônico. Nesta pesquisa foi concluída que 33,3% das crianças não acessam nenhum tipo de dispositivo eletrônico, os 66,7% acessam, porém com algumas restrições e sempre monitorado pelo responsável ou outro adulto.

Gráfico 11 – Dispositivos eletrônicos utilizados pelas crianças

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

A questão 31 procurou saber se a criança tinha alguma rede social e se tivesse foi solicitado para indicar o nome da rede social e a frequência do uso. O resultado mostrou que 16,7% das crianças possuíam uma rede social com perfil no Instagram e Facebook que são acessados diariamente e monitorados pela mãe da criança. A questão 32 foi a última com o intuito de saber sobre o contato da criança com meios eletrônicos. Esta questão buscava saber se a criança tinha alguma habilidade em acessar e se comunicar nas redes sociais. Como relatado na questão 31, apenas 16,7% das crianças tinham acesso a alguma rede social própria, estas possuem habilidade para fazer *stories* e tirar fotos; entretanto 50% dos participantes relataram que a criança tem habilidades para acessar o Youtube e assistir filmes. Os demais 33,3% não responderam a questão ou disseram que o filho não tem rede.

A questão 33 entrou na parte mais importante da pesquisa, ou seja, saber a relação da criança com os livros. A presente pergunta buscou saber qual o contato das crianças com o livro e de que forma ocorria este contato. 83,3% dos participantes responderam que a criança tinha contato com os livros. 33,3% acessavam o livro dentro de casa com cantinhos próprios, como nesta resposta da P4 “Sim, tem um cantinho para leitura com livros e material para desenhos.” E esta da P2 “Sim, em casa temos biblioteca e toda sexta-feira a escola dá um livro para a criança levar para casa”. Uma forma de contato citada é realizar a leitura juntamente com a criança ou auxiliar nas questões de tarefa, como nesta resposta da P6 “Sim, leio os da bíblia infantil e

histórias infantis”. A P3 diz que “Sim. Tento simular leitura e posterior aula explicando o conteúdo.” A P5 falou sobre a forma como a leitura é feita, respondendo “Sim, em casa, na escola, contato visual.”

O contato visual é a forma com a qual a criança mais expressa sua interação com o livro; as letras ainda podem ser de difícil compreensão, mas o olhar ajuda a entender o que está acontecendo. “É por isso, que nas salas de aula, geralmente se encontram palavras associadas à imagens, pois a visão auxilia muito a criança a conhecer e estabelecer relações entre o que lemos e o que escrevemos” (PEREIRA, 2012, p. 61). Neste caso as imagens podem ajudar a criança a entender a história e/ou auxiliar a criança a criar uma história própria, que pode ser diferente da história relatada na parte escrita do livro.

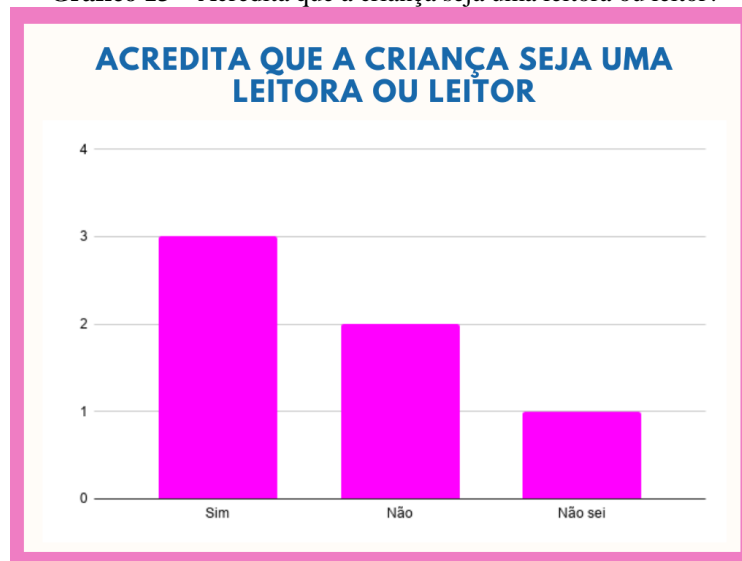
A questão 34 indaga sobre os livros que são mais procurados pelas crianças, o resultado mostrou que a maioria se interessava por livros infantis coloridos, contos infantis, bíblia infantil, livros visuais e quadrinhos. Esses resultados são apresentados no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Livros mais procurados pelas crianças



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

A questão 35 buscou saber se o responsável acreditava que a criança era uma leitora ou um leitor. Observe os resultados no Gráfico 13. Os dados mostram que 50% dos participantes acreditavam que a criança era uma leitora ou um leitor; 33,3% dos participantes não acreditavam que a criança era uma leitora ou um leitor; e 16,7% dos participantes não souberam responder a questão.

Gráfico 13 – Acredita que a criança seja uma leitora ou leitor?

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Ao juntar as respostas da questão 35 com as respostas colhidas na questão 38, foi possível verificar que apesar de metade dos participantes não acreditarem ou não saberem se seu filho seja um leitor, ao descrever a leitura realizada percebe-se que a criança lê sim, só que da sua própria forma e maneira, interpretando as figuras e contando a história que este acredita ser o correto.

De acordo com Pereira (2012, p. 38) a criança com Síndrome de Down “na aprendizagem de determinadas tarefas, e como não dispõe de estruturas mentais para as assinalar, ela aprende por imagens (concreto) e não pelos conceitos (abstrato)”, ou seja, imagens são importantes para a criança aprender a relacionar o que é concreto e real da abstração e subjetividade, sendo uma forma desta expressar seus pensamentos.

A questão 36 tentou colocar em perspectiva o incentivo à leitura dada a criança por parte do participante e como este ocorre. As respostas tem uma ligação direta com a questão anterior, 35, em como o participante vê a leitura da criança. Deve ser observado aqui que um dos participantes, o P1, não respondeu a questão, então os dados aqui apresentados foram coletados com as respostas dos demais responsáveis. O P3 respondeu que não incentivava o suficiente a criança, sendo essa a única resposta negativa da referida questão, entretanto a P3 complementou sua resposta dizendo que “Quando faço é sentado ao lado e contando a estória, mas logo ela toma e faz sua própria leitura”; mostrando assim que a criança tem sua própria forma de leitura, que pode não condizer com a história ali escrita.

Dos participantes que responderam 80% afirmaram que sim davam incentivo e dão exemplos das formas como este incentivo ocorre. A P6 respondeu que “Sim, através de histórias que ela já ouviu falar e assistiu na TV.” A P4 respondeu que “Sim. Fizemos um cantinho da leitura onde ele tem acesso a livros e material de pintura, desenho...”. Teve ainda a P5 que respondeu “Sim, com exemplo com o ato de ler, tendo acesso aos livros de casa.”. Por fim, a P2 respondeu e evidencia o estado de analfabetismo da criança, mas mostra que este realiza uma leitura que é incentivada pelas pessoas ao seu redor, “Sim, os colegas da escola sempre leem para ela, mesmo ela não sendo alfabetizada, eu sempre deixava ela ler seguindo as ilustrações dos livros e faço perguntas depois para ver se entendeu.”

A questão 37 indagava se existia um hábito de leitura com a criança e como era realizadas as leituras em família. Houve aqui 16,7% que responderam dizendo que não haviam estes momentos de leitura em família com a criança, sendo esta resposta do P1. As demais 83,3% responderam demonstrando que havia leitura familiar e ali os participantes tentava criar a prática de leitura na criança. A P3 respondeu que “Tento. Mas como ela não lê e ainda não entendo o que ela diz, fica um processo confuso e difícil para mim.”, neste caso há o incentivo, mas com algumas barreiras de linguagem verbal, das quais precisam ser estimuladas. A P6 respondeu que “Sim, uma vez por semana leio para ela e a irmã na parte da tarde.” É importante criar a prática de leitura e inserir isto no cotidiano da criança. A P4 criou uma rotina onde a criança tem o contato com a leitura diariamente, esta respondeu “Sim. Geralmente somos só nos dois. Todos os dias por pelo menos meia hora.” A P5 tem essa prática desde que a criança era bebê, respondendo “Sim, contando histórias, lendo cardápios levando a bíblia infantil para a missa, desde bebê conto histórias antes de dormir.”. Este momento pode ser tornar uma hora de diversão onde a criança expressa sua criatividade e demonstra sua forma de leitura, como no caso da P2 que respondeu, “Sim, deixo ela ser a professora e explicar o que leu.”.

A questão 38 solicitou uma explicação, pelas palavras dos participantes, de como a criança realizava a leitura por conta própria. 33,3% dos participantes responderam que a criança não sabia ler ainda, o P1 respondeu “Ele não fala então não ler ainda.” E a P6 respondeu “Ele não sabe ler ainda então é eu que leio”. 50% dos participantes responderam e descreveram a forma como a criança interpreta a história do livro sendo lido. A P3 respondeu que a criança “pega o livro, aponta para a figura e finge estar dando aulas sobre o conteúdo”. A P5 respondeu que “Através de figuras ele dramatiza a cena vista” e a P2 respondeu “Ela vê as gravuras e lê

silenciosamente”. 16,7% dos participantes que respondeu da seguinte forma ”Ela ainda não sabe ler, mas através das figuras cria uma história e se imagina lendo” a fala da P4 expressa junção das duas outras respostas. A partir dessas falas percebe-se que cada participante interpretou da sua maneira a leitura da criança, por meio do seu olhar sobre o que é leitura e como esta deve ser realizada.

Os resultados aqui coletados, juntamente com os resultados da questão 36, mostram a importância do incentivo à leitura para que a criança possa se desenvolver e entender melhor o mundo ao seu redor. Este estímulo deve vir desde os primeiros momentos de vida para o processo seja mais eficaz e fluido, como lembra Bassani (2012, p. 6) “Se desde cedo o estímulo for de forma adequada e gradual, essa criança irá conquistar as etapas de seu desenvolvimento como firmar a cabeça, virar na cama, engatinhar, para mais tarde desenvolver também a linguagem”.

A forma como as crianças interagem com o livro através das imagens demonstra a forma como este entendeu, pela sua percepção, a história. Por isto, a criança pega o livro e utiliza as imagens ali pintadas para contar a sua história. Isto é algo normal de ser encontrado em todas as crianças pequenas em fase de alfabetização. As crianças retratam aquilo que entendem, Bassani (2012, p. 6) informa que “o desenvolvimento e o crescimento do sistema nervoso de uma criança com síndrome de Down é semelhante ao de uma criança normal, porém um pouco mais lento, devido a uma desaceleração do crescimento encefálico”.

A questão 39 foi dividida em duas partes, na primeira, de múltipla escolha, o participante deveria responder se acredita ou não que o contato com a leitura auxilia na relação da criança com o mundo ao seu redor e na segunda parte o participante deveria explicar a sua resposta de forma dissertativa. Dois participantes, o P1 e P2, responderam somente a primeira parte, então aqui deve ser notado que os dados coletados na segunda parte desta questão foram recolhidos utilizando apenas as respostas dos outros quatro participantes.

Na primeira parte as respostas mostraram que 100% todos os responsáveis concordavam que a leitura auxiliava as crianças nas relações com o mundo ao seu redor. A P3 não soube explicar a sua resposta, mas, em suas palavras “Sinto que a Diana interage, tenta explicar, faz gestos, aplaude”. Neste caso foram observados as mudanças mentais da criança em relação à como ela interage com a história e o mundo. A P4 respondeu com observações similares dizendo que: “Ele consegue relacionar de forma clara e se fazer entender bem”.

A P6 apontou que a leitura traz conhecimento para a vida da criança, e diz que: “é bom para eles saberem que fazendo o bem sempre é melhor, o mal sempre perde. Aprende também a amar e respeitar o próximo e ajudar as pessoas da melhor forma possível e ser educado”. Por fim, a P5 relata o que a leitura traz para o cotidiano da criança, dizendo: “Utilizo um cartaz com figuras das rotinas e deveres, no cartaz está o nome dele, os dias da semana, com rotina. Ex. Hora da tarefa”. Estas respostas demonstram que 100% dos que responderam a questão por completa acreditam que a leitura auxilia na relação com o mundo ao seu redor e observam isto diariamente. Tentam utilizar esta compreensão para mostrar ensinamentos ou reforçar elementos já aprendidos e os aprimorar.

A penúltima questão juntou todos os principais pontos que se buscou entender nesta pesquisa. Questionou se responsável acredita que o contato da criança com a leitura o auxiliava na compreensão da vida cotidiana e se a resposta fosse sim explicar com suas palavras. As respostas estão expressas na Tabela 4.

Tabela 4 – Relação criança e o contato com a leitura como auxiliadora na compreensão da vida cotidiana

Participante (Criança)	Como a leitura o auxilia na compreensão da vida cotidiana
P2 (C.J.)	Ela segue o que ela lê.
P1 (C.D.S.)	Ajuda a compreender melhor as coisas da vida.
P3 (C.D.L)	Com a leitura você entra em várias realidades! Vive diferentes experiências, as compara com as suas, com as que já vivei ou vai e quer viver.
P4 (C.B.)	Observamos no dia-a-dia algumas falas, ações que fazem referência ao que lemos juntos.
P5 (C.M.)	Auxilia muito, através da leitura descobre-se como sujeito nas práticas diárias.
P6 (C.L.)	Em ser educado e gentil e respeitar as pessoas.

Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Os resultados mostram que todos os participantes acreditavam que a leitura auxiliava a criança na compreensão da vida cotidiana, entretanto, se divergem quando explicam suas respostas. 66,7% destacaram a importância da leitura para compreender o mundo, 33,3% falaram sobre como a leitura é uma forma de ensinamento.

As respostas obtidas nas questões 39 e 40 podem mostrar que todos os responsáveis, de algum modo acreditavam que a leitura é importante para o desenvolvimento intelectual da criança e a convivência deste com o mundo ao seu redor. Portanto, como foi visto nas respostas anteriores, mesmo os participantes tendo esta consciência alguns não realizam o estímulo necessário para que o hábito de leitura encante e esteja presente na vida das crianças.

Desacreditam que a leitura possa ser de interesse da criança ou acreditam que a criança possua alguma dificuldade externa. Nos responsáveis que estimulam a leitura e o realizam um momento de leitura com a criança, foi possível constatar que os pequenos leitores possuem um carinho especial pela leitura e seu desenvolvimento cognitivo evoluiu com o auxílio dos estímulos e da ajuda de profissionais.

Por último procurou-se saber da existência de espaços de incentivo à leitura nos bairros onde residem os participantes. Foram colocadas algumas possibilidades de resposta que deveriam ser marcadas, conforme solicitado na pergunta. Os locais são: igreja, biblioteca, centro comunitário, não existe espaço e outros. As respostas podem ser vistas no Gráfico 14 a seguir.

Gráfico 14 – Espaços de incentivo a leitura no bairro



Fonte: Elaborado pela autora, conforme os dados coletados na pesquisa (2019).

Os resultados mostram que 33,3% dos participantes responderam que tinham espaços de incentivo à leitura na biblioteca do seu bairro, 16,7% responderam que tinham este espaço na igreja, 33,3% responderam que não existia um espaço no seu bairro e 16,7% responderam

outros, onde indicaram que não sabia se existia um espaço assim no seu bairro. Esses dados revelam que existe poucos espaços de incentivo à leitura nos bairros descentralizados.

Conforme foi visto neste capítulo, os dados mostraram uma grande quantidade de informação que pode em determinados momentos se contradizer. Isso ocorreu devido ao entendimento dos participantes na hora de interpretar as questões, entretanto, as respostas em sua maior parte nos revelam fontes riquíssimas de informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa surgiu perante um questionamento da autora sobre o processo de leitura de crianças com Síndrome de Down e como isso ajuda no seu entendimento com o mundo ao seu redor. Para assim, colocar em perspectiva as diferentes formas de leitura que existem, uma vez que esse tipo de pesquisa é de certa forma pouco difundida .

Ao realizar esta pesquisa teve por intenção responder a seguinte problemática: Como ocorre o processo de leitura na criança com Síndrome Down? E por objetivo geral analisar o processo de aquisição da leitura na criança com síndrome de Down, e por objetivos específicos: 1. identificar o nível de leitura dos responsáveis; 2. averiguar a intervenção dos responsáveis no incentivo à leitura; 3. descrever a interação da criança com o mundo ao seu redor. Foi assim possível analisar quais responsáveis eram leitores que buscavam passar este processo de leitura para o filho, através do incentivo à leitura, que ocorria de forma contínua e com o intuito de deixar a criança se expressar e compreender da sua forma a história.

Os dados mostram que o processo de leitura de crianças com Síndrome de Down ocorre de uma forma mais lúdica e com a imaginação. A criança pega o livro e através deste conta a história do livro, independente desta ser a história que esta escrita no livro. A leitura é adquirida pela criança através do estímulo das pessoas que com elas convivem e fazem parte do processo de ensinamento da criança, no caso desta pesquisa destacou-se os responsáveis que devem criar uma rotina de leitura com a criança. Todos os responsáveis que participaram da pesquisa demonstram ter alguma afeição pela leitura, entretanto, uma parte, por causa de impedimentos, não realizavam uma leitura com a frequência desejada. Os responsáveis se mostraram, em sua maioria, empenhados em incentivar à leitura das crianças, realizando momentos de contação de histórias e cantinhos de leitura. Constatou-se nesta pesquisa que a leitura afeta sim a forma como a criança interage com o mundo ao seu redor, 100% dos participantes responderam que a leitura era importante para auxiliar nesta ligação da criança com a vida cotidiana e o mundo.

Os dados mostram ainda que todos os participantes acreditam que leitura seja um elemento importante para auxiliar a criança na compreensão da vida no cotidiano, mesmo os que destacaram que seu filho tem pouco ou nenhum contato com a leitura. Além de mostrar que todos os participantes que incentivam a leitura desenvolvem nas crianças os interesse pelos livros que percebem a prática de leitura, como um momento de prazer e diversão.

Um ponto que deve ser ressaltado é o nível de leitura dos participantes. Nota-se que mesmo quando em nível de leitura do próprio seja restrita ou nenhuma, alguns ainda incentivam as crianças a lerem e a terem contato com os livros por saber a importância. Isto pode demonstrar que mesmo ao compreender a importância da leitura o responsável é barrado pelas dificuldades diárias, como foi apresentado na pesquisa, onde o tempo foi potencializado como empecilho para se dedicar a leitura.

Entende-se que o incentivo à leitura, por se só, não trará um desenvolvimento total e satisfatório para o entendimento da criança, por isso são necessários os acompanhamentos com os profissionais que auxiliam no desenvolvimento dos sentidos e estimulam o cognitivo, tais como: fonoaudiólogos, psicólogos, neurológicos e psicopedagogos. Isso auxiliará o processo de leitura da criança.

A partir dos pressupostos conclui-se que 66,7% dos participantes incentivam as crianças a ler e interpretar a história da forma como acham mais interessantes, entretanto 50% de todos os participantes não viram isto como uma forma de leitura. Ainda é necessário a disseminação dos diferentes tipos de leitura que possam ser realizada. Como foi visto, alguns responsáveis não compreendiam que a criança poderia ler a história que se apresenta no livro, entretanto essa leitura é pelo ponto de vista da sua própria compreensão, das figuras e letras que se encontram expressas no suporte de leitura. Destaca-se aqui os livros de imagens, que contém apenas figuras, que demandam a criação de uma história que será elaborada por meio da compreensão de mundo que a criança possui.

Cabe aos pais, um trabalho em conjunto com a escola ou outros meios que disponibilizam livros, para incentivar a leitura da criança e deixá-la realizar a leitura da sua forma, para que possa entender qual a melhor forma de se expressar, e assim demonstrar interesse pela leitura. Como o primeiro contato da criança com o mundo é a partir da família, precisa-se ter um olhar positivo sobre a leitura e os benefícios que esta possa trazer para o desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Conclui-se que a leitura afeta de forma positiva a vida das crianças e sua interação com o mundo ao seu redor. O apoio dos responsáveis nesse momento é imprescindível para o melhor entendimento da criança. Esse trabalho deve ser realizado por muitas mãos, ou seja, em conjunto com outras formas de acompanhamento que a criança tenha. A visão dos responsáveis sobre a

importância da leitura afeta a forma como esse incentivo à leitura acontecerá com a criança. Esse estímulo a leitura poderá afetar a frequência das leituras em família com a criança.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tatiane Lemos. Biblioteca Acessível: eliminando barreiras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13. n. 1, p.1883-1898, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/915>. Acesso em: 12 jul 2019.

BARBY, Ana Aparecida de Oliveira Machado. GUIMARÃES, Sandra Regina Kirchner. Desenvolvimento de habilidades metafonológicas e aprendizagem da leitura e da escrita em alunos com Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 381-398, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382016000300381&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 jul 2019.

BASSANI, Cecília da Silva. **A Síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem**. 2012. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Pedagogia) - Faculdade Anhanguera, Taboão da Serra, São Paulo, 2012. Disponível em:<http://www.pixfolio.com.br/arq/1401280042.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BORGES, Agnes Lara Eringer et al. **Análise de Atividades Gráficas para Crianças com Síndrome de Down**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 23, n. 4, p.577-594, out. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382017000400577. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRANCHER, Vantoir Roberto. NASCIMENTO, Cláudia Terra do. OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-18, 2008. Disponível em:<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1394> . Acesso em: 12 jul 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf. Acesso em: 11 jul 2019.

CASTRO, Naiara Irene Simão; ARAÚJO, Jéssica Amorim. A Importância da leitura nos dias atuais. **Brasil Escola**, p.1-7, [201-]. Disponível em:<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-leitura-nos-dias-atuais.htm>. Acesso em 11 nov. 2019.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 77 p.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. 159 p.

COLOGON, Kathy. Debunking Myths: reading development in children with Down Syndrome. **Australian Journal of Teacher Education**, v. 38, n 3, p. 129-151, 2013. Disponível em: <https://ro.ecu.edu.au/ajte/vol38/iss3/9/>. Acesso em: 14 jul 2019.

COMIN, Bruna Cristina; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Síndrome de Down: análise dos artigos sobre leitura, escrita e alfabetização. **Revista Eletrônica de Educação**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 321-339, 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/476>. Acesso em: 14 jul 2019.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre/RS: Penso, 2010, p. 296

CUDWORTH, David. POWELL, Allison. Teaching reading to children with Down Syndrome. **Ups and Downs Southwest**, Inglaterra: Westonzylnd, 2013.

DALLA-DÉA, Vanessa Helena Santana ; DUARTE, Edison (Orgs.). **Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor**. São Paulo: Phorte, 2009. 336 p.

FARIA, Keyla Rosa de. **Biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem da/o estudante com Síndrome de Down**. 2017. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/13265>. Acesso em: 27 nov. 2018.

FEISTAUER, Cláudia Madalena. **O letramento na síndrome de down: o papel da família e da escola**. 2014. 127 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/6959#preview>. Acesso em: 27 nov. 2018

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução á literatura para crianças e jovens**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. 264 p.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (Ed.). **Retratos da Leitura no Brasil**: São Paulo: Instituto Pró-livro, 2016. 142 slides, color. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>. Acesso em: 27 nov. 2018.

JESUS, Chelry Fernanda Alves de; *et al.* O uso dos smartphones no cotidiano dos jovens e os principais aplicativos utilizados para auxiliar nos estudos: um estudo de caso. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 14, n. 25, p. 1685-1699, 2017. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2017a/human.htm>. Acesso em 11 de nov. 2019.

KOTLINSKI, Joe; KOTLINSKI, Susan. Teaching reading to develop language. **Down Syndrome News and Update**, Estados Unidos, v. 2, n. 1, p. 5-6, 2002. Disponível em: <https://library.down-syndrome.org/en-us/news-update/02/1/teaching-reading-develop-language/>. Acesso em: 14 jul 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009. 374 p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metadologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 225 p.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 297 p.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A Literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino**. 2007. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

PELOSI, Miryam Bonadiu; SILVA, Renata Mousinho Pereira da; SANTOS, Gladis dos; REIS, Nathalya Herzer. Playful activities for the development of oral and written language for children and adolescents with Down Syndrome. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 529-544, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000400535&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 14 jul 2019.

PEREIRA, Elana de Jesus; FRAZÃO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro dos. Leitura infantil: o valor da leitura para a formação de futuros leitores. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012. **Anais[...]** Cariri, CE: EREBD, 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2162>. Acesso em: 19 jun 2019.

PERREIRA, Marília Manuela da Rocha. **Aquisição precoce da leitura e da escrita em crianças com Trissomia 21**. 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em Domínio Cognitivo-Motor) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa - Portugal, 2012. Disponível em: . Acesso em: 12 nov. 2019.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar**, Editora UFBR: Curitiba, n.31, p. 169-189, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 30 jun. 2019

SILVA, Marta Benjamin da; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; NOGUEIRA, Carine Rodrigues. Políticas públicas para a leitura no Brasil: implicação sobre a leitura infantil. **Porto de Acesso**, Salvador, v.6, n.3, p. 20-46, 2012. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/6437>. Acesso em: 12 jul 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 194 p.

VALDEZ, Diane. **História da infância em Goiás: séculos XVIII e XIX**. 1. ed. Goiânia: Alternativa, 2003. 65 p.

ZILBERMAN, Regina. Leitura para a infância no século XIX brasileiro. **Revista do Programa**

de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, São Paulo, n. 17, p. 22-42, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/29413>. Acesso em: 01 out. 2019.

APÊNDICE A – Questionário sobre o processo de leitura de crianças com Síndrome de Down

DADOS PESSOAIS DA(O) RESPONSÁVEL

1 Sexo:

- Feminino Masculino Outro

2 Faixa Etária:

- Entre 18 e 25 Entre 26 e 35 Entre 36 e 45
 Entre 46 e 55 Entre 56 e 65 Acima de 66

3 Relação parentesco com a criança:

- Mãe (Biológica ou Adotiva) Pai (Biológico ou Adotivo)
 Tia (Biológica ou Adotiva) Tio (Biológico ou Adotivo)
 Avó (Biológica ou Adotiva) Avô (Biológico ou Adotivo)
 Outro: _____

4 Escolaridade:

- Analfabeto Semi Analfabeto
 Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo
 Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo
 Ensino Superior Incompleto Pós-Graduação Incompleta
 Ensino Superior Completo na área _____
 Pós-Graduação Completa na área _____

5 Estado Civil:

- Solteira(o) Casada(o) Separada(o)
 Divorciada(o) Viúva(o) União Estável

6 Situação Social-Econômica:

- Classe A (Renda Mensal maior que 15 salários mínimos)
 Classe B (Renda Mensal de 5 a 15 salários mínimos)
 Classe C (Renda Mensal de 3 a 5 salários mínimos)
 Classe D (Renda Mensal de 1 a 3 salários mínimos)
 Classe E (Renda Mensal igual ou inferior a 1 salário mínimo)

7 Qual a sua religião?

8 Em que bairro você mora?

PROCESSO DE LEITURA DO RESPONSÁVEL

9 Que valor você atribui à importância da leitura em sua vida? Marque com X a lacuna que corresponda à sua opinião:

- Pouco

- () Regular
- () Significativo
- () Muito significativo
- () Altamente significativo

10 Para você, o que é leitura?

11 Você se considera uma pessoa que ler com frequência?

- () Sim
- () Não

Considere as seguintes afirmações em relação à leitura: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	Não sei
1. Só leio o que é necessário	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
2. Ler é uma das minhas diversões preferidas	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
3. Acho difícil ler livros até o fim	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
4. Gosto de ir a biblioteca	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
5. Adoro ir a uma livraria	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
6. Ler é uma perda de tempo	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
7. Compro livros em lançamentos	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
8. Emprésto/pego emprestado livros com os colegas	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
9. Leio mais de um livro ao mesmo tempo	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)

12 Quais são as maiores barreiras para a sua frequência na leitura?

- () Tempo
- () Condições financeiras
- () Dificuldades de acesso à biblioteca
- () Lentidão na leitura
- () Outro _____

13 Nos últimos dois anos, cite três livros que você leu e mais gostou e aponte quem indicou (escola, amigos ou família):

Título do livro	Quem indicou

14 Quantos livros há em sua casa?

- (A) O bastante para encher uma prateleira (1 a 20)
 (B) O bastante para encher uma estante (20 a 100)
 (C) O bastante para encher várias estantes (mais de 100)
 (D) Nenhum

15 Você lê algo além de livros?

Com que frequência você lê: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)	Nunca	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre
1. Romance, Crônica e ficção em geral	(A)	(B)	(C)	(D)
2. História Geral ou do Brasil	(A)	(B)	(C)	(D)
3. Livros de poesia	(A)	(B)	(C)	(D)
4. Jornais	(A)	(B)	(C)	(D)
5. Revistas de informação geral	(A)	(B)	(C)	(D)
6. Revistas em quadrinhos	(A)	(B)	(C)	(D)
7. Sites de Internet	(A)	(B)	(C)	(D)

16 Acessa Websites? Se sua resposta for afirmativa, que tipo acessas mais?

- () Notícias () Humor () Tecnologia/informática
 () Games () Celebidades () Podcasts
 () Portais de música (Myspace, iTunes, grooveshark) () Letras de músicas
 () Moda / comportamento / tendências () Blogs diversos
 () Facebook () Twitter () Tumblr
 () Outro: _____

17 Com que frequência lê na website?

- () Diariamente () Semanalmente
 () Mensalmente () Anualmente
 () Raramente () Só quando é obrigatório
 () Outro: _____

18 Acredita que exista outras formas de ler, além da leitura de palavras? Explique.

19 Como você interage com sua filha ou filho em relação à leitura?

PROCESSO DE LEITURA DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

20 Qual o nome da criança, completo?

21 Qual a idade da criança?

22 A criança frequenta a escola? Se sim, em qual o ano.

23 Qual o nome da Escola?

24 Esta escola é:

Pública

Conveniada

Particular

25 Quantas pessoas vivem na mesma casa que a criança? _____

26 Especifique, indicando o grau de parentesco, em relação a criança de cada membro da casa:

27 A criança convive com outras crianças? Especifique (irmãos, primos, vizinhos) indicando a faixa etária.

28 A criança possui alguma habilidade em especial? Se sim, qual?

29 A criança fez ou faz algum tipo de acompanhamento profissional?

Fonoaudiólogo

Psicólogo

Neurologista

Outros: _____

30 A criança possui algum dispositivo eletrônico?

Celular

Tablet

Totebook

Computador

Outros: _____

31 A criança possui redes sociais? Indique o nome das redes e a frequência de acesso.

32 Qual a habilidade da criança em acessar e se comunicar nas redes sociais?

33 A criança tem contato com livros? Como é esse contato com os livros?

34 Quais os livros que a criança mais procura?

35 Acredita que a criança seja uma(um) leitora(o)?

Sim

Não

36 Há incentivo, por sua parte, para que a criança tenha contato com livros? Como ocorre esse incentivo?

37 Há hábito de leitura com a criança? Como é realizada essa leitura em família?

38 Explique, em suas palavras, como esta criança realiza uma leitura por conta própria?

39 Acredita que o contato da criança com a leitura auxilia na relação com o mundo ao seu redor? Explique.

Sim

Não

40 Acredita que o contato da criança com a leitura auxilia na compreensão da vida cotidiana? Se sim, explique.

41 Existe algum espaço de incentivo a leitura no seu bairro? Onde?

Igreja

Biblioteca

Centro comunitário

Não existe espaço

Outros: _____

Obrigada por participar da nossa pesquisa!!!

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Mychelle Waleska Lisboa Lemes, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Biblioteconomia.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis, Mychelle Waleska Lisboa Lemes e Keyla Rosa de Faria nos telefones: (62) 98496-8350 ou (62) 99133-8828. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa da qual você está aceitando participar **“Como o incentivo à leitura afeta a vida de crianças com Síndrome de Down: um estudo de caso na Biblioteca da Associação Down de Goiás”** será realizada por meio de um questionário que deverá ser respondido de forma escrita e será entregue para o participante pelos responsáveis pela pesquisa. A presente pesquisa tem por **objetivo geral**: Analisar o processo de aquisição da leitura na criança com síndrome de Down. E por **objetivos específicos**: 1. identificar o nível de leitura dos responsáveis; 2. averiguar a intervenção dos responsáveis no incentivo a leitura; 3. descrever a interação da criança com o mundo ao seu redor. Tem como **justificativa** a necessidade de conhecer a realidade da leitura de crianças com Síndrome de Down e como essa leitura afeta suas vidas, além de como deve ser feito o incentivo desta leitura pela família ou responsáveis.

Não haverá nenhuma gratificação financeira ou pagamento pela participação na pesquisa. Os dados coletos pelas perguntas presente no questionário serão apresentados como resultados finais desta pesquisa, entretanto, não serão revelados nenhum dado confidencial dos envolvidos na pesquisa. Você pode se recusar a participar da pesquisa ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo algum.

Nome e Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, RG/CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **“Como o incentivo à leitura afeta a vida de crianças com Síndrome de Down: um estudo de caso na Biblioteca da Associação Down de Goiás”**, como sujeito. Fui devidamente informada(o) e esclarecida(o) pelo pesquisadora Mychelle Waleska Lisboa Lemes sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu

consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso).

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____